

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS DOIS VIZINHOS
CURSO DE BACHARELADO EM ZOOTECNIA

FABIANO VIGANÓ

**LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO DE EQUINOS UTILIZADOS EM
RODEIOS GAÚCHOS NA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

DOIS VIZINHOS
2017

FABIANO VIGANÓ

**LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO DE EQUINOS UTILIZADOS EM
RODEIOS GAÚCHOS NA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso II,
apresentado ao Curso de Zootecnia da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
Câmpus Dois Vizinhos, como requisito parcial
à obtenção do título de Zootecnista.

Orientadora: Prof. Dra. Katia Atoji-Henrique

DOIS VIZINHOS

2017

Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Dois Vizinhos
Curso de Zootecnia
TERMO DE APROVAÇÃO

TCC II

**LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO DE EQUINOS UTILIZADOS EM
RODEIOS GAÚCHOS NA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ**

Autor: Fabiano Viganó

Orientador: Prof^a Dra. Katia Atoji-Henrique

TITULAÇÃO: Zootecnista

APROVADO em 21 de Novembro de 2017.

Prof^a. Dra. Lilian Regina Rothe Mayer

Med. Vet. Cíndia Mara Rottava

Prof^a. Dra. Katia Atoji-Henrique
(Orientadora)

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.”

AGRADECIMENTOS

Nesse espaço, quero prestar uma simples homenagem a todas as pessoas que de alguma maneira me ajudaram a chegar até aqui, e deixar claro que sem a ajuda de todos eu não teria chegado a lugar nenhum.

Primeiramente, quero agradecer a Deus por estar sempre me guiando ao caminho certo, e a minha família, que é a base de tudo, quero dizer que amo muito vocês e deixar um muito obrigado por todos os ensinamentos desde quando eu era criança até os dias de hoje.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram e torceram por min, em especial para o João Mulinari, que esteve comigo durante toda a minha formação acadêmica, e é com certeza um irmão que eu ganhei e que vou levar para a vida toda.

Agradeço de coração á Renata Negri, por tudo o que me ajudou no trabalho, em todas as dúvidas e desenvolvimento desse projeto, e também ao Alexis Rottini, meu particular amigo que também se mostrou a disposição sempre que possível.

E finalmente, á minha orientadora, Katia Atoji Henrique, pela sua paciência, dedicação e sabedoria, por todos os ensinamentos, além da amizade que expressa a pessoa tão querida e admirável que é, o mesmo pode se falar do seu marido, o professor Douglas, pessoa que eu admiro muito e para mim é o professor mais inteligente da universidade, grande abraço.

RESUMO

VIGANÓ, Fabiano. Levantamento das Práticas de Manejo de Equinos Utilizados em Rodeios Gaúchos na Região Sudoeste do Paraná. 2017. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Bacharelado em Zootecnia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, 2017.

Dúvidas sobre a forma como os equinos são tratados em rodeios são frequentes e permeiam as entidades relacionadas ao bem estar animal. Questões sobre como eles são tratados ou se essas práticas atendem mesmo as suas necessidades, e se os proprietários oferecem condições adequadas aos equinos nestes eventos são comuns. Este trabalho foi realizado com o intuito de avaliar e também conhecer melhor as práticas de manejo dos equinos utilizados em rodeios gaúchos da região Sudoeste do Paraná. Para isso foi elaborado um questionário para conhecer essas práticas utilizadas pelos proprietários dos animais nestes eventos, e a partir desses dados, foi avaliado o manejo que os animais recebem tanto com relação à suplementação como também as práticas de bem estar. As entrevistas para o preenchimento do questionário foram presenciais, e os resultados foram analisados por estatística descritiva, para conseguir avaliar e estabelecer alternativas para os animais utilizados nos rodeios e também em outras provas que proporcionam um grande desgaste físico em que são submetidos visando boas práticas relacionadas ao manejo e ao bem-estar que os animais necessitam.

Palavras-chave: Bem estar. *Equus ferus caballus*. Eventos equestres. Questionário.

ABSTRACT

VIGANÓ, Fabiano. Manage practices of horses used in gaucho rodeos in Southwest region, Paraná, Brazil. 2017. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Bacharelado em Zootecnia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, 2017.

Questions about how horses are treated in rodeos are frequent and very present among entities related to animal welfare. Usually, questions are related to how are they treated and if those practices attend their needs, and also, if the owners can offer appropriated conditions to them. This work will be executed, aiming to evaluate and also get a better understanding about the management practices of horses used in gaucho rodeos in the Southwest region of Paraná, Brazil. Thus, a survey will be used, elaborated to know those practices, and from these data, evaluate the managing system that animals are kept, such as about supplementation as well as welfare practices. Interviews will be made personally, and results will be analysed by descriptive statistics, in order to evaluate and establish alternatives for the animals used in rodeos and also in other sports that results in high physical stress, focusing in good practices in manage and welfare that these animals need.

Keywords: Survey. *Equus ferus caballus*. Welfare. Horse events.

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	1
1 INTRODUÇÃO.....	6
2 OBJETIVOS.....	7
2.1. Objetivo geral	7
2.2 Objetivos específicos.....	7
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	8
3.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO HISTÓRICO DOS EQUINOS	8
3.2 AGRONEGÓCIO E USO NOS ESPORTES.....	9
3.3 ESTEREÓTIPOS	10
3.3.1 Roer a madeira.....	11
3.3.2 Aerofagia.....	11
3.3.3 Síndrome do urso.....	12
4 TRATAMENTO E BEM ESTAR DE EQUINOS.....	12
5 MAUS TRATOS EM RODEIOS.....	13
6 MATERIAL E MÉTODOS.....	15
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
7.1 Distribuição de animais por Estado.....	16
7.1.1 Distribuição de animais por raça e relação entre macho e fêmea.....	17
7.1.2 Número de animais por município	19
7.1.3 Distribuição dos animais por faixa etária	20
7.2 Relação: Doma racional X Doma tradicional.....	21
7.3 UF de aquisição e relação de compra e venda de animais por UF.....	23
7.4 Tipos de construção e horas de baia por animal	24

7.5 Alimentação dos animais na propriedade	26
7.6 Manejo sanitário e dos cascos	27
7.7 Acompanhamento veterinário e escore corporal	28
7.8 Manejo durante os eventos	30
7.8.1 Formas de alimentação durante os eventos	30
7.8.2 Formas de transporte, e onde os animais são mantidos durante a noite	31
7.8.3 Frequência de utilização, e tempo de participação em eventos	33
7.8.4 Número de armadas por dia, e condicionamento físico dos animais	34
7.8.5 Relação entre número de armadas X escore corporal	37
7.9 Disponibilidade da água nos eventos	38
8 CONCLUSÕES	39
REFERÊNCIAS	40
ANEXO	43
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA O LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO DE EQUINOS UTILIZADOS EM RODEIOS GAÚCHOS NA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ.	43

1 INTRODUÇÃO

A equinocultura apresenta um papel multifuncional na sociedade atual. Ao proporcionar a interação de centros urbanos, por meio de atividades relacionados ao lazer, terapia e bem-estar humano, com forte apelo à educação e consciência ambiental (CARVALHO, 2014). Esse envolvimento entre os animais e a comunidade é bastante visível, pois faz parte de um contexto de lazer familiar, esportivo, educacional e terapêutico.

O agronegócio equino no Brasil movimenta cerca de R\$ 7,5 bilhões e gera cerca de 3,2 milhões de empregos diretos e indiretos (ALMEIDA & SILVA, 2010). O equino, no aspecto econômico, desempenha as funções de sela, carga e tração. O segmento de atividades esportivas movimenta valores da ordem de R\$ 705 milhões e empregam cerca de 20.500 pessoas, com a participação estimada de 50 mil atletas (LIMA et al., 2006).

Entretanto, com a domesticação e intensificação da atividade, os equinos são retirados de seu habitat e com isso acabam desenvolvendo vícios comportamentais. Geralmente acomodados em baias, recebendo uma alimentação diferente, com menos volumoso e atividades físicas limitadas a um dado período do dia, a ociosidade acaba ocupando o maior tempo dos animais.

Atitudes como roer madeira, aerofagia com apoio e sem apoio, fazer movimentos de balanço (síndrome do urso), são exemplos de sequência de movimentos repetidos com pequena variação na forma e identificação confirmando as chamadas estereotípicas (BROOM & KENNEDY, 1993). Essa expressão demonstra a instabilidade psicológica do animal, culminado na dificuldade que o indivíduo tem em encarar o ambiente que está submetido e pode ser utilizado como indicador de saúde.

Outro fator que pode desenvolver estereotípicas em animais são os maus tratos. Uma prática muito comum no país que utiliza os equinos são os rodeios (vaquejada, country e crioulo). Com o passar dos anos, tais atividades deixaram um pouco de lado o foco cultural passando então para o esporte com fins econômicos e profissionalização das modalidades (CARVALHO, 2014). Em alguns casos, com essa competitividade exaltada ocasionou um aumento no nível de violência, crueldade e maus tratos cometidos contra os animais. Fato este que instigou tal pesquisa na região, a fim de verificar a ocorrência da mesma.

2 OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Realizar um levantamento sobre as praticas de manejo dos equinos em eventos de rodeio na região sudoeste do Paraná.

2.2 Objetivos específicos

Aplicar um questionário para os proprietários, tratadores e cavaleiros sobre a forma como os animais são tratados com relação à sua alimentação em rodeios .

Realizar um panorama geral sobre a situação dos cavalos utilizados em rodeios no sudoeste do Paraná.

Avaliar e estabelecer alternativas para os proprietários, tratadores e cavaleiros, caso seja observado algum problema relacionado ao bem estar dos cavalos.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO HISTÓRICO DOS EQUINOS

No cenário mundial, a população de equinos (59.043.839 cabeças), está distribuída nos continentes da seguinte forma: África (7,7%); América (57,2%); Ásia (23,6%); Europa (10,8%) e Oceania (0,7%) (FAO, 2010). Estudos apontam para a redução do efetivo desses animais principalmente em países da Ásia e da Europa, com destaque para os cinco maiores países criadores que somam 54% deste total, são eles: Estados Unidos, China, México, Brasil e Argentina (FAO, 2010).

Segundo IBGE (2012), no cenário nacional o efetivo de equinos entre 2011 e 2012, apresentou queda de 2,7%, passando para 5.363.185 cabeças. Já em 2013, o efetivo de equinos foi de 5.312 milhões de cabeças, indicando queda de 1,0% em relação ao registrado em 2012. O maior número de animais foi observado no Estado de Minas Gerais (14,3%), seguido pelos Estados do Rio Grande do Sul (10,1%) e Bahia (9,1%). Os maiores rebanhos estão localizados em Corumbá (MS), Sant'Ana do Livramento (RS) e Uruguaiana (RS) (IBGE, 2012).

Em análises regionais, o efetivo de equinos está mais localizado nas Regiões Sudeste (24,4%), Nordeste (23,4%), Centro-Oeste (18,7%) e Sul (18,2%). Os rebanhos cresceram nos Estados do Rio Grande do Sul (14,2%) e Tocantins (22,4%) em relação a 2012. O Paraná conta com um efetivo de 312.626 cabeças (IGBE, 2012).

Os equinos nem sempre foram da maneira como vemos hoje. Ao longo de milhões de anos, várias mudanças ocorreram e muitas espécies existiram, sobrevivendo de acordo com as alterações em seu habitat natural (EDENBURG, 1999). Desde a primeira vez que foram vistos, os membros do gênero *Equus* migraram em direções e momentos diferentes e, sem dúvida, desenvolveram hábitos característicos (WARING, 2003).

Conforme Edenburg (1999), atualmente, os cavalos domésticos pouco se assemelham aos seus antepassados. Alguns traços em relação à sua conformação e coloração ainda são compartilhados, enquanto características comportamentais e fisiológicas podem ter sofrido alteração pela domesticação (WARING, 2003). O relacionamento homem-cavalo tem uma história longa e variada. Os cavalos tornaram-se ferramentas importantes para o transporte e, assim como outros animais domésticos, estão atualmente sendo mais utilizados como animais de companhia (EDENBURG, 1999). Segundo Waring (2003), os cavalos assumiram uma boa

importância econômica e cultural na sociedade, basicamente devido a sua habilidade locomotora, que permite que este animal seja utilizado como fonte de lazer e esporte, força de tração no trabalho agrícola das zonas rurais e até mesmo em programas de equitação terapêutica.

Definimos como sendo a raça um conjunto de indivíduos que apresenta características de conformação e funcionalidade, isto é, caracteres somáticos, semelhantes, que se transmitem por hereditariedade (ARBOITTE & MENEZES, 2006).

Observam-se atualmente três tipos ideais de cavalo de acordo com sua finalidade ou aptidão para o trabalho, o cavalo de sela, de esporte e de tração. O cavalo de sela é aquele que podemos enquadrar dentro de um quadrado perfeito, isto é, deve ter o comprimento do corpo igual à sua altura. Podemos citar como exemplos as raças: Andaluz, Apaloosa, Árabe, Campolina, Crioula e Mangalarga. Já o cavalo de esporte (corrida), pode ser considerado num retângulo, com base maior que a altura, isto é, tem a sua altura menor que o comprimento do corpo, como os exemplares das raças: Puro Sangue Inglês, Brasileiro de Hipismo e Hanoveriano. Enquanto o cavalo de tração (tiro) são os animais que se definem dentro de um retângulo com base menor que a altura, isto é, a sua altura é maior que o comprimento do corpo, sendo as principais o Bretão e Percheron (TORRES, 1992).

3.2 AGRONEGÓCIO E USO NOS ESPORTES

O complexo do agronegócio equino no Brasil movimentava cerca de R\$ 7,5 bilhões e gera cerca de 3,2 milhões de empregos diretos e indiretos (ALMEIDA & SILVA, 2010). O segmento de equinos utilizados em diversas atividades esportivas movimentava valores da ordem de R\$ 705 milhões e empregava cerca de 20.500 pessoas, com a participação estimada de 50 mil atletas (LIMA et al., 2006).

A geração de força motriz e a funcionalidade estão intimamente relacionadas com a atividade pecuária, que em muitos países contribuiu significativamente para o produto interno bruto nacional (FAO, 2010). Além de sua ligação com a pecuária comercial, a equinocultura possui uma forte inter-relação com setores ligados ao lazer, à cultura, ao esporte e ao ecoturismo (MATTOS et al., 2009). Como por exemplo, as provas de tiro de laço, que ocorrem nos rodeios da região Sul e Centro – Oeste do Brasil.

A Cartilha (2012), descreve o surgimento do rodeio crioulo, assim chamado, no Rio Grande do Sul na década de 50, nos Campos de Cima da Serra. O primeiro rodeio de tiro de laço a ser realizado foi em Vacaria-RS, precursor dos atuais rodeios que se espalharam por

todo Estado. Acredita-se e que o rodeio crioulo é a busca das pessoas que migraram do campo para a cidade, em trazer para o cotidiano um pouco de suas atividades campeiras. Esta tradição visa acima de tudo à manifestação das tradições do campo. Seu objetivo principal é possibilitar o convívio periódico entre os amantes dos costumes do campo, para reviver as tradições por meio de manifestações culturais tradicionalistas gaúchas (CARTILHA, 2012).

3.3 ESTEREÓTIPOS

Quando retirados de seu habitat, os equinos sofrem adaptação a esta nova condição, que na maioria das vezes não retratará seu ambiente natural. Desse modo, o animal fica desprovido de alguma de suas cinco liberdades, que consiste em garantir que os animais estejam livres de: fome, sede, dor, lesões e doenças, desconforto, medo e de estresse; para expressar comportamento natural (FAWC, 2009).

Geralmente acomodados em baias, essa restrição desencadeia vícios, frequentemente observados em animais estabulados (SOUZA, 2006). Segundo Ribeiro (2013), quando somamos a restrição ao hábito de pastejo, ociosidade e a ausência da convivência social, o resultado é o desenvolvimento das chamadas estereotípicas, que são comportamentos anormais invariáveis e repetitivos sem função, considerados potenciais indicadores de distúrbios fisiológicos com conseqüente redução do bem-estar do equino.

Os atos de roer madeira, aerofagia com apoio e sem apoio, fazer movimentos de balanço (síndrome do urso), são exemplos de sequência de movimentos repetidos com pequena variação na forma e identificação confirmando essa patologia (BROOM & KENNEDY, 1993). Essa expressão denota a instabilidade psicológica do animal, culminado na dificuldade que o indivíduo tem em encarar o ambiente que está submetido e pode ser utilizado como indicador de saúde.

Segundo Broom e Kennedy (1993), os estereótipos são raros em equinos que não se encontram confinados e em grande parte dos casos desaparecem ou diminuem quando os animais são colocados em espaços maiores. As observações destas características podem colaborar na construção de decisões mais adequadas para propor melhorias ao bem-estar dos animais e adotar estratégias de manejos mais eficientes.

Ao alterar o ambiente do animal, pode ser observada sua reação por meio dos comportamentos estereotipados. O fornecimento de volumoso e a ressocialização dos animais, é prioridade fundamental para auxiliar as adaptações dos animais a esse tipo de ambiente (RIBEIRO et al., 2013).

3.3.1 Roer a madeira

Esse distúrbio é apresentado mais frequentemente quando o animal está com deficiências de minerais na dieta, e quantidade de forragem limitada contribui para essa alteração comportamental (RIBEIRO et al., 2013). Segundo Meyer (1995) a deficiência de fósforo, cloreto de sódio, cobre e microelementos na dieta além da utilização dos alimentos peletizados fornecidos como única fonte de volumoso são agravantes da estereotipia.

Na natureza, os equinos roem árvores, mas quando confinados, essa é uma tentativa normal de satisfazer suas necessidades nutricionais (McCALL, 1993). Fornecer dietas totais peletizadas poucas vezes ao dia pode aumentar a incidência desse comportamento.

3.3.2 Aerofagia

É o ato de mover os lábios, podendo lambe e prender objetos fixando-os com os dentes incisivos, flexionar e arquear o pescoço e puxando para trás, engolindo ar e grunhindo ao mesmo tempo (NINOMIYA et al., 2007).

A aerofagia com apoio é reconhecida como problema de comportamento de equinos desde 1578 e sua prevalência é de 2,4 a 8,3% dependendo da raça e de fatores de manejo (McGREEVY et al. 1995).

Enquanto a aerofagia sem apoio se define pelo ato de mover os lábios, fechar a boca, dobrar e arquear o pescoço, levantando a cabeça para cima e para baixo em vários movimentos repetitivos, além de engolir ar e grunhir, se diferenciando da aerofagia com apoio por não prender nenhum objeto fixo com seus dentes incisivos (HOUPPT & McDONNELL, 1993).

A aerofagia está frequentemente associada a cólicas gasosas, problemas dentários e recentemente associada a episódios de úlceras gástricas e doença nervosa motora em equinos (RIBEIRO, 2013). Para minimizar este distúrbio, é recomendado colocar o animal em companhia de outros em piquetes, aumentar o número de exercícios e fornecer maior quantidade de volumoso, ou seja, manter o animal ocupado por mais tempo.

3.3.3 Síndrome do urso

A síndrome do urso se caracteriza pelo hábito de andar em círculos pela baia, correr próximo a cercas ou ficar com a cabeça balançando na porta da baia, demonstrando sinal extremo de tédio e nervosismo. Este distúrbio pode ter duas causas, excesso de trabalho ou isolamento total(VÍCIOS, 2007).

Essa síndrome resulta em emagrecimento excessivo e progressivo, irritabilidade e sobrecarga nas articulações. Medidas como a ressocialização dos animais isolados auxilia a neutralizar esse comportamento podendo esse ser praticamente extinto com estratégias de manejo eficientes (RIBEIRO, 2013).

4 TRATAMENTO E BEM ESTAR DE EQUINOS

Nos últimos anos, a comunidade vem mudando seu modo de pensar e agir para com os animais, seja para esporte ou lazer. Levando em consideração leis e a própria conscientização, os conceitos de manejos começaram a ser mudados em muitos casos.

Segundo Dittrich et al.(2010), os modelos utilizados até o momento objetivam, na maioria dos casos, índices produtivos superiores ou mesmo particularidades específicas em determinados grupos raciais, sem levar em consideração o desrespeito que estas podem causar aos animais. Podia ser observado ainda que, os maus tratos não se apresentam apenas por meio de agressão física aos animais, mas também por condições de vivência, como por exemplo, submeter o animal a uma baia de tamanho inadequado, privações alimentares e expostos a injúrias.

Conforme Dittrich et al. (2010), particularmente na espécie equina, as diferentes formas de utilização, tais como meio de transporte, ferramenta de conquistas no passado(como a utilização dos animais em guerras e batalhas), trabalhos e esportes determinaram, desde a domesticação, mudanças na forma de criar e manter os cavalos.

Destacam-se como as principais mudanças a limitação do tamanho das áreas disponíveis ao pastejo e das estratégias alimentares (diversidade de alimentos, hora e tempo de alimentação) impedindo o animal de expressar seu comportamento natural. Segundo Dittrich et al (2010) tais mudanças desrespeitam uma das principais particularidades evolutiva desta espécie, o complexo anatômico e fisiológico do aparelho digestório, resultando em vários casos de cólica intestinal em equinos.

Ou seja, a estratégia de criação e utilização do cavalo desencadeou a simplificação da dieta em duas classes principais de alimentos: os volumosos (pastos e forragens conservadas) e concentrados (alimentos com alto conteúdo energético e/ou protéico), com a preocupação quase que exclusiva de atender as necessidades nutricionais sem levar em consideração aspectos relacionados às formas de disponibilização destes alimentos e o comportamento alimentar dos equinos (DITTRICH et al., 2010).

5 MAUS TRATOS EM RODEIOS

Entende-se por “maus tratos” o ato de submeter alguém a tratamento cruel, trabalhos forçados e/ou privação de alimentos ou cuidados. No que diz respeito aos animais, a variedade de maus tratos vai bem além dessa definição (DELABARY, 2012).

Segundo Calhau (2005) há muito tempo foi superado o entendimento que os animais são coisas sem nenhuma proteção jurídica. De acordo com o art. 32 da Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998 (BRASIL, 1998), “praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos confere ao réu, pena de detenção de três meses a um ano”.

Na grande maioria das vezes os maus tratos contra animais sequer são denunciados, pois esses casos já se encontram banalizados dentro da sociedade devido ao seu alto índice de ocorrência. Esse crime é praticado pelos mais variados tipos de pessoas, envolvendo seus aspectos culturais, sociais e psicológicos (DELABARY, 2012).

Aspectos culturais como a prática dos rodeios country que são realizados no país são apoiados pelas prefeituras devido à renda que é capaz de gerar. Segundo Souza (2006) há uma lei federal regulamentada no Brasil onde estabelece que o desempenho do animal seja critério valorativo na competição, autorizando o uso de práticas que mantenham o animal com dores para que continue dando saltos. Conforme Brasil (2002), a Lei nº 10.519 de 17 de julho de 2002 (Lei dos Rodeios) é inconstitucional e retrógrada em relação à Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998 (Lei dos Crimes Ambientais).

Entretanto, os rodeios country e vaquejada se diferem dos rodeios crioulos, pela sua execução, condução e objetivo do uso do animal. Nas provas de tiro de laço, a função do cavalo é demonstrar sua funcionalidade quanto à sua habilidade no trabalho com o gado. Sem que o animal sofra nenhuma lesão quanto à execução da atividade.

Conforme manual elaborado para orientações na organização de rodeios, destaca-se que a cancha das competições e os bretes deverão ser cercados com material resistente, sem elementos cortantes ou perfurantes, de modo a evitar lesões nos animais. Consta ainda que deverá contar com um profissional habilitado, responsável pela garantia da boa condição física e sanitária dos animais e pelo cumprimento das normas de bem estar, impedindo maus tratos e injúrias de qualquer ordem (CARTILHA, 2012).

Os cuidados com os animais nos rodeios crioulos, destaca que o transporte dos animais deverá ser realizado em veículos apropriados e as instalações do local devem garantir a integridade física dos mesmos durante sua chegada, acomodação e alimentação, visando sempre o bem estar dos animais. A encilha e demais peças utilizadas nas montarias, bem como as características do arreamento, não poderão causar injúrias ou ferimentos aos animais. Pede-se ainda a entrega de exames dos animais, como garantia da saúde dos animais participantes (CARTILHA, 2012).

6 MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização desse trabalho, foi feito um levantamento dos eventos em que ocorrem provas de laço comprido, na região sudoeste do Paraná, como por exemplo as cidades de Cruzeiro do Iguaçu, Nova Prata do Iguaçu e Itapejara do Oeste, além dessas cidades, o trabalho também foi aplicado na cidade de Flor da Serra do Sul – SC.

Os entrevistados foram abordados pessoalmente, pois, desta forma, puderam ser esclarecidas as possíveis dúvidas relacionadas à interpretação das questões no momento da entrevista.

O questionário (ANEXO 01) abordou temas que possibilitaram um levantamento em relação as boas práticas de manejo e bem estar animal, para então avaliar a situação destes.

Estes temas foram:

- Anamnese: levantamento sobre o histórico do cavalo, considerando sua raça, idade, sexo, origem, aquisição e tipo de doma.

- Manejo geral: considerando os manejos nutricional e sanitário, bem como são tratados durante os eventos e quando não estão sendo utilizados, e as instalações em que são mantidos.

Em relação à confidencialidade, foi uma opção do entrevistador de não expor os dados dos entrevistados, como está previsto no Comitê de Ética em Pesquisa da UTFPR (2014).

A análise dos dados recolhidos foi por estatística descritiva, e os valores apresentados em porcentagem.

O trabalho foi realizado entre os meses de agosto e outubro de 2017, sempre nos finais de semana em que ocorreram os eventos.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.1 Distribuição de animais por Estado

Nos rodeios gaúchos, sejam eles “nacionais ou interestaduais”, vem pessoas de diversos lugares, conseqüentemente animais de diferentes regiões e Estados, e essa diversidade ocorre de forma muito maior em rodeios nacionais, como foi o caso dos rodeios em Itapejara do Oeste e Cruzeiro do Iguaçu, em que a premiação era grande (mais de 160 mil reais entre os dois), atraindo competidores de todos os lados do Brasil.

Ao todo foram avaliados 187 animais, com uma grande diversidade de 7 Estados diferentes (Figura 1), que são: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, além de serem de diferentes regiões dentro de seus respectivos Estados. Porém como os rodeios avaliados foram todos no Paraná, foi obviamente encontrado um número maior de animais desse mesmo Estado.

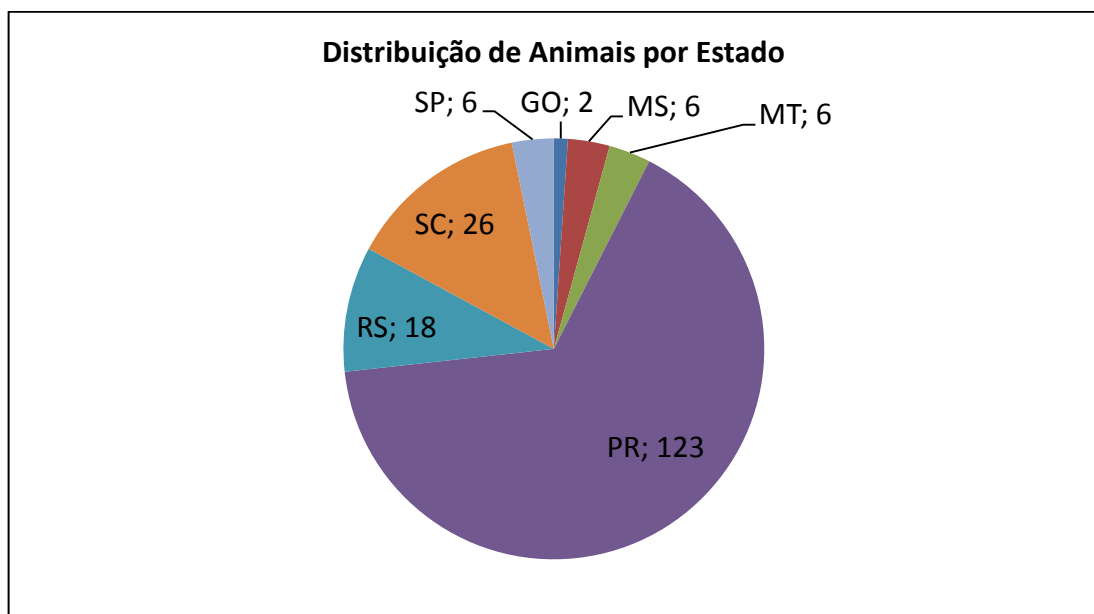


Figura 1: Distribuição de animais por Unidade da Federação (UF) que participaram de rodeios gaúchos na região Sudoeste do Paraná

7.1.1 Distribuição de animais por raça e relação entre macho e fêmea

Nesse tipo de competição é mais comum encontrarmos animais de duas raças: crioulo e quarto de milha (Figura 2), tanto um quanto o outro tem uma boa aptidão para esse esporte e são muito eficazes ao exercício em que são submetidos.

Os animais da raça crioula tem porte médio, com cerca de 1,38 a 1,50 metros de altura de cernelha e se destacam pela sua resistência, rusticidade e força (ABCCC, 2013), e os animais quarto de milha tem altura média de 1,50 metros, são robustos e musculosos e se destacam por sua docilidade, versatilidade e inteligência (ABQM, 2014).

Além dessas duas raças, existem vários animais mestiços ou sem raça definida (SRD) que são encontrados nesses rodeios, que geralmente são de pessoas amadoras que tem o esporte apenas como um lazer, sem fins lucrativos e não investem muito em animais puros ou de maior valor, mas isso não quer dizer que não existam animais mestiços entre os profissionais e de boa aptidão para o laço.

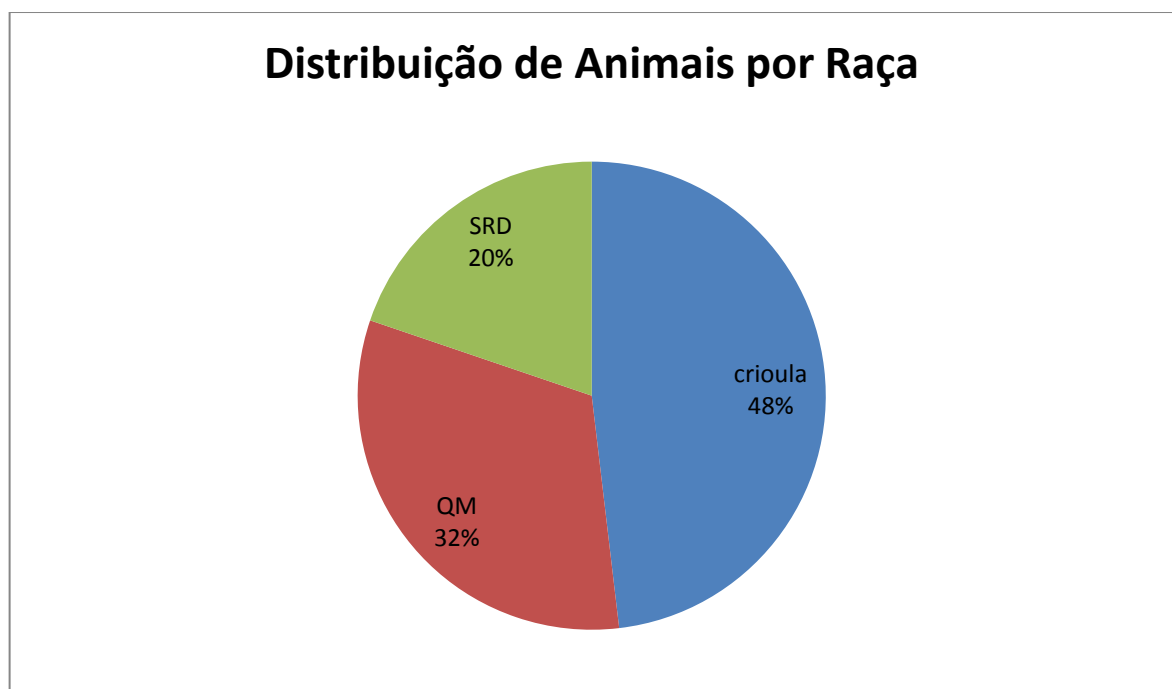


Figura 2: Distribuição por raça dos animais que participaram de rodeios gaúchos na região Sudoeste do Paraná

Quanto ao sexo do animal o desempenho é idêntico, porém a vantagem em ter uma fêmea é que quando ela se aposentar da atividade ela pode servir como reprodutora então é comum encontrar um numero maior do que os machos (Figura 3).

É muito difícil encontrarmos garanhões nesses eventos devido à problemas que podem ocorrer fora da pista. Existem regiões em que chega até ser proibida a entrada desses animais, devido ao risco de escaparem ou machucarem alguém quando detectam alguma égua no cio, o que é muito comum pois existe um grande número de fêmeas em qualquer evento. Os cavalos castrados são mais mansos, mantêm mais a concentração no trabalho e normalmente podem ser soltos com outros cavalos e éguas, sem problemas graves de agressões, o que facilita o manejo e o convívio social dos mesmos (CINTRA, 2010).

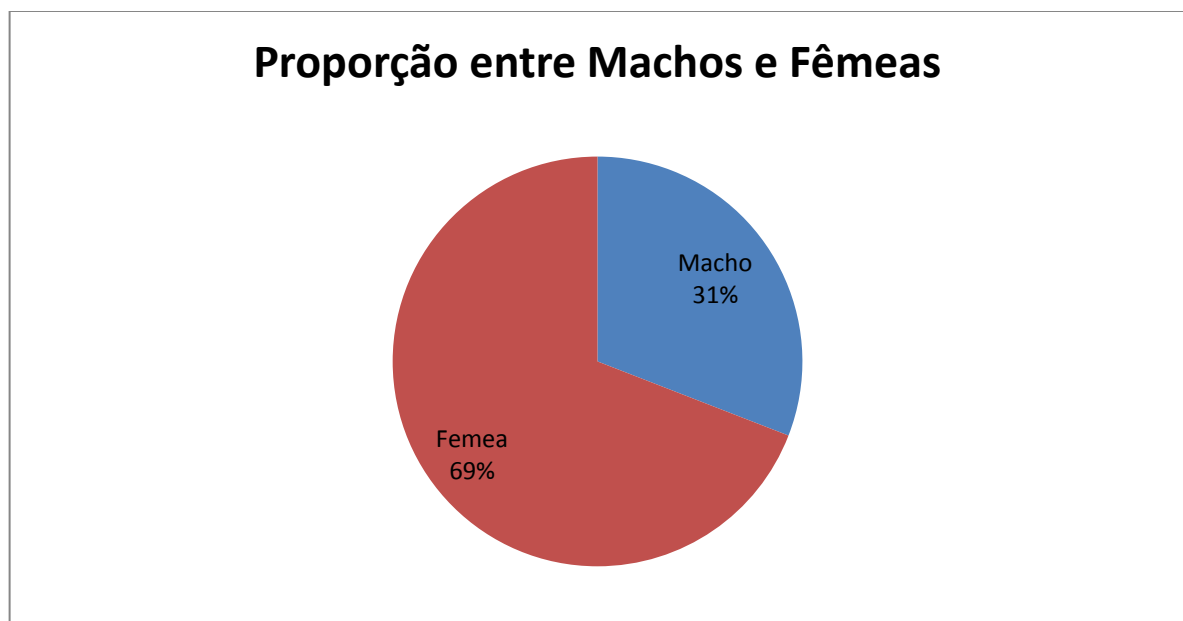


Figura 3: Porcentagem de macho e fêmea dos animais que participaram de rodeios gaúchos na região Sudoeste do Paraná

7.1.2 Número de animais por município

Como já foi dito anteriormente, existe uma grande diversidade de participantes e de animais nesses eventos, mas como as cidades escolhidas foram bem próximas da nossa região, foi comum encontrar maior número de animais oriundos das cidades mais próximas, como Francisco Beltrão, São Jorge do Oeste, Quedas do Iguaçu e Dois Vizinhos (Figura 4).

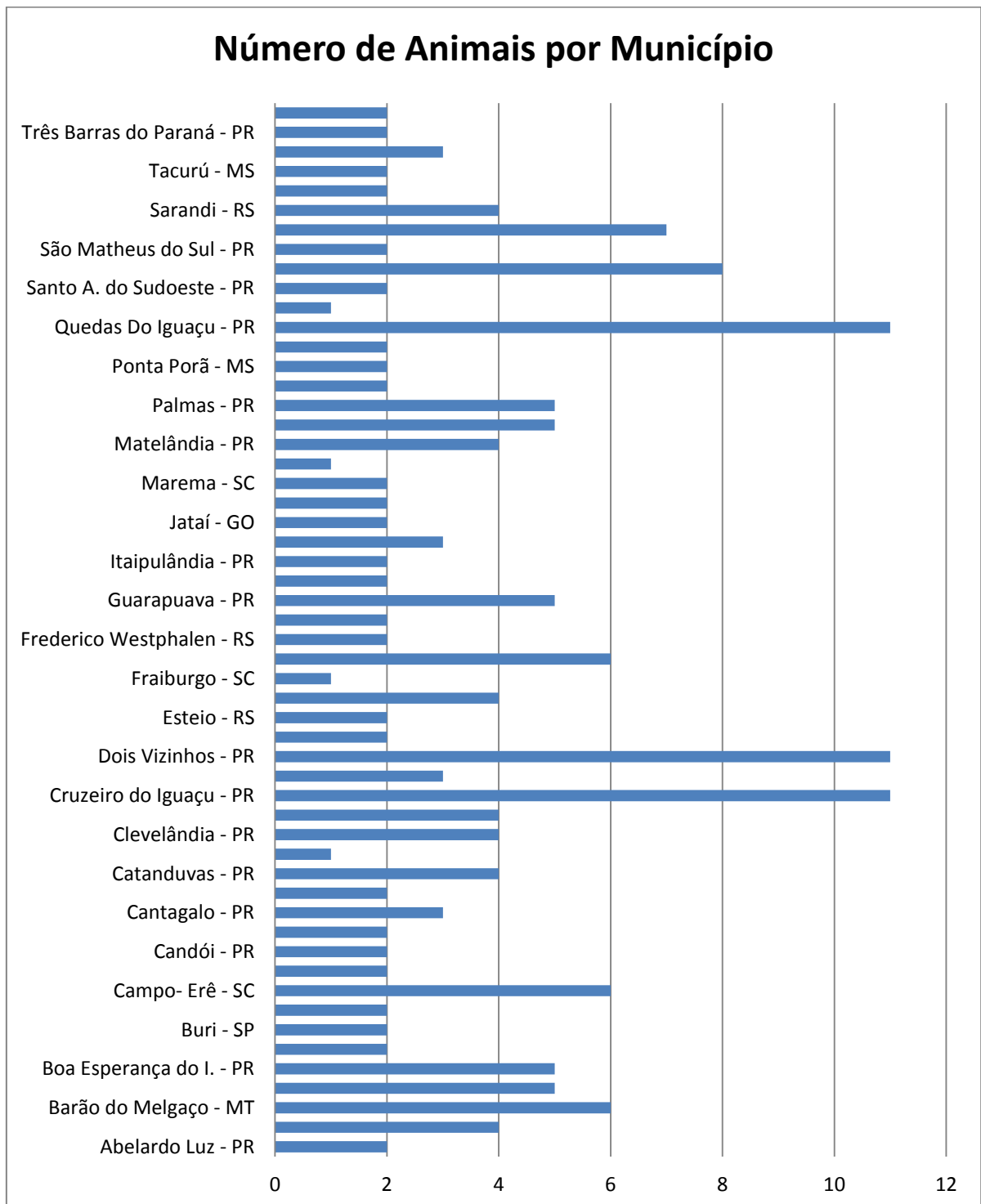


Figura 4: Distribuição por Município de animais que participaram de rodeios gaúchos na região sudoeste do Paraná

7.1.3 Distribuição dos animais por faixa etária

Nesse meio é comum encontrarmos animais de todas as idades (Figura 5) desde que ainda estejam aptos para exercer suas funções, porém com o aumento da profissionalização dos competidores e da premiação desses eventos, os animais são muito mais exigidos fisicamente do que antigamente, o que faz com que a vida útil desses animais diminua, porém os cavalos de alta performance ou o “cavalo atleta” tem que ter uma certa experiência e inteligência para realizar as suas funções, então foi muito comum encontrarmos animais não tão jovens devido á pouca “bagagem” de rodeio, e nem animais mais velhos (acima de 15 anos) devido ao grande desgaste e esforço físico em que são submetidos.

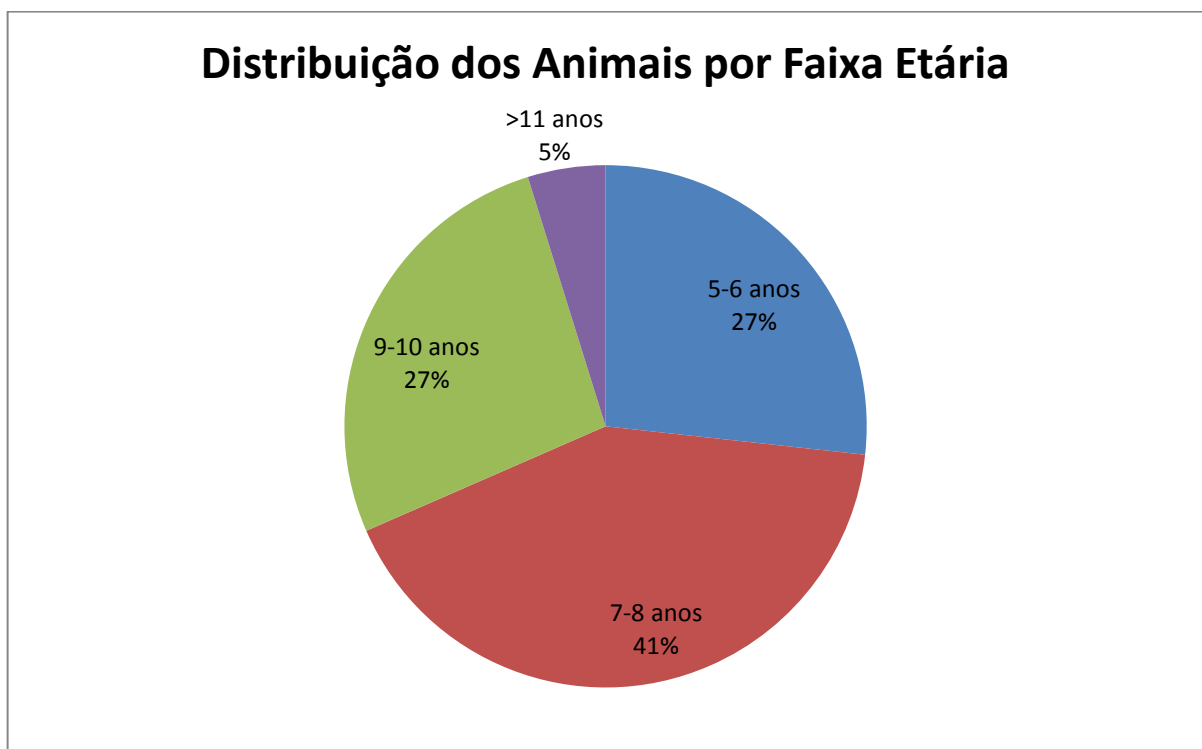


Figura 5: Distribuição por idade dos animais que participaram de rodeios gaúchos na região sudoeste do Paraná

7.2 Relação: Doma racional X Doma tradicional

Para exercerem suas funções em rodeios não importa o tipo de doma do animal, desde que ele seja bom no que está fazendo. Com a conscientização dos proprietários e o conceito de bem estar animal que vem aumentando cada dia mais na sociedade, nota-se que a utilização da doma racional vem crescendo, pois nesse modo o animal sofre menos. Esta forma de doma é realizada sem a utilização da força e objetos que machucam e os cavalos aprendem suas funções com paciência, sem medo, sem gritos ou movimentos bruscos.

Porém como a idade dos animais avaliados pode ser considerada “média”, ou seja, os animais foram domados á algum tempo atrás, a porcentagem de utilização da doma tradicional foi grande (Figura 6), devido aos costumes e tradições do passado e que ainda permanecem em diversos lugares.

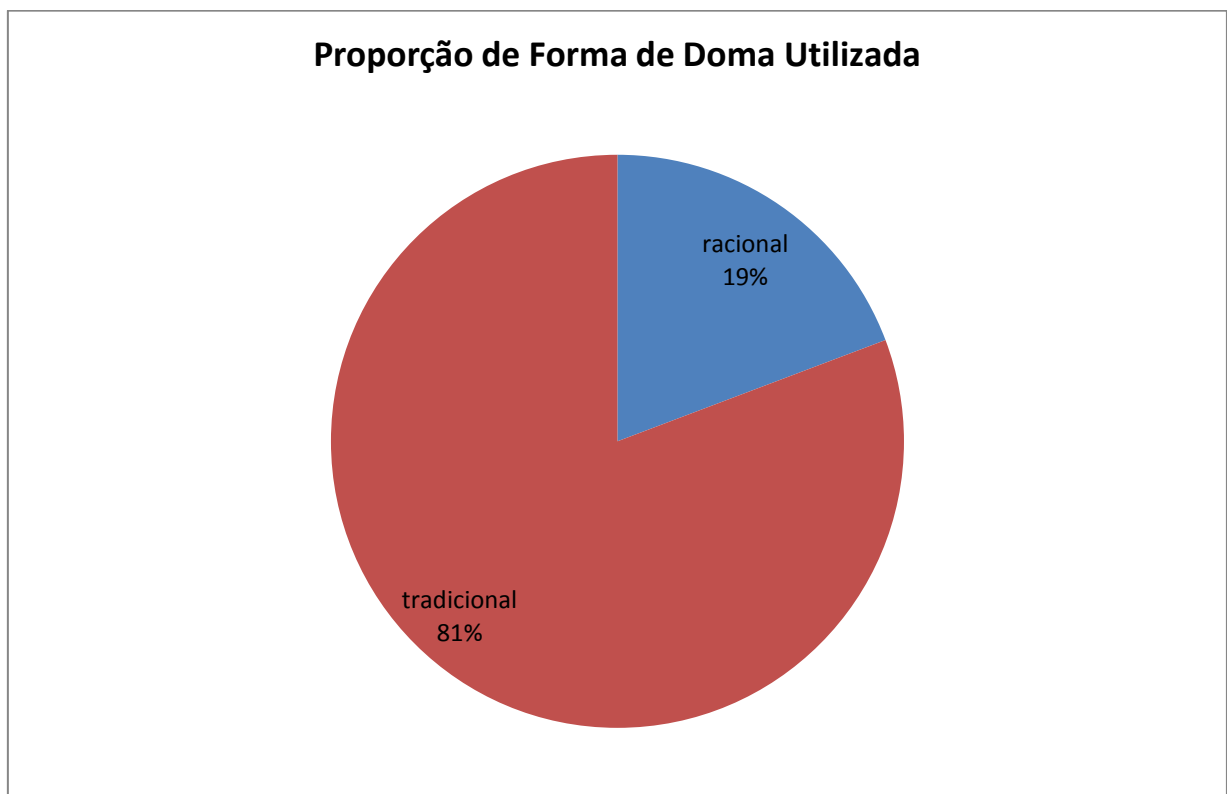


Figura 6: Porcentagem entre doma racional X doma tradicional dos animais utilizados em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

O gosto pela doma em gineteadas¹ nos animais aporreados² campo afora é comum principalmente no estado do Rio Grande do Sul e outros estados onde a cultura gaúcha e a tradição dos seus antepassados é muito forte (Figura 7). Os cavalos possuem boa memória, com uma boa capacidade associativa, logo, podem associar um objeto com o medo que sentiram e vão ficar o mais longe possível, ou podem reagir com coices e manotaços (GRANDIN et al., 2010).

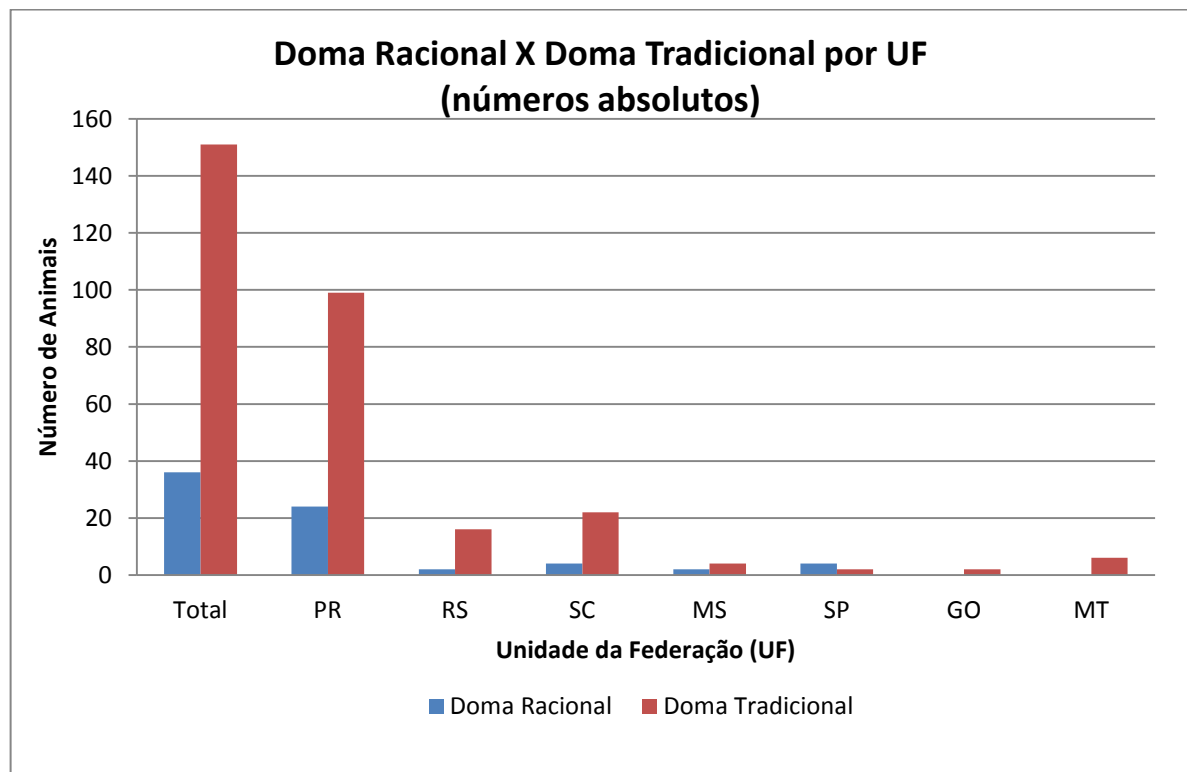


Figura 7: Utilização da doma racional e tradicional de cada Estado (UF) dos animais utilizados em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

¹ gineteada: o ato de montar em cavalos não domesticados para que eles pulem tentando derrubar o cavaleiro.

² aporreados: animais não domesticados, xucros.

7.3 UF de aquisição e relação de compra e venda de animais por UF

A partir dos dados do trabalho, foi possível afirmar que os animais são comercializados mais internamente (dentro de cada estado) do que entre estados (Figura 8). Isso devido a muitos fatores como a principalmente a distância e também a burocracia existente no transporte de animais de Estados diferentes.

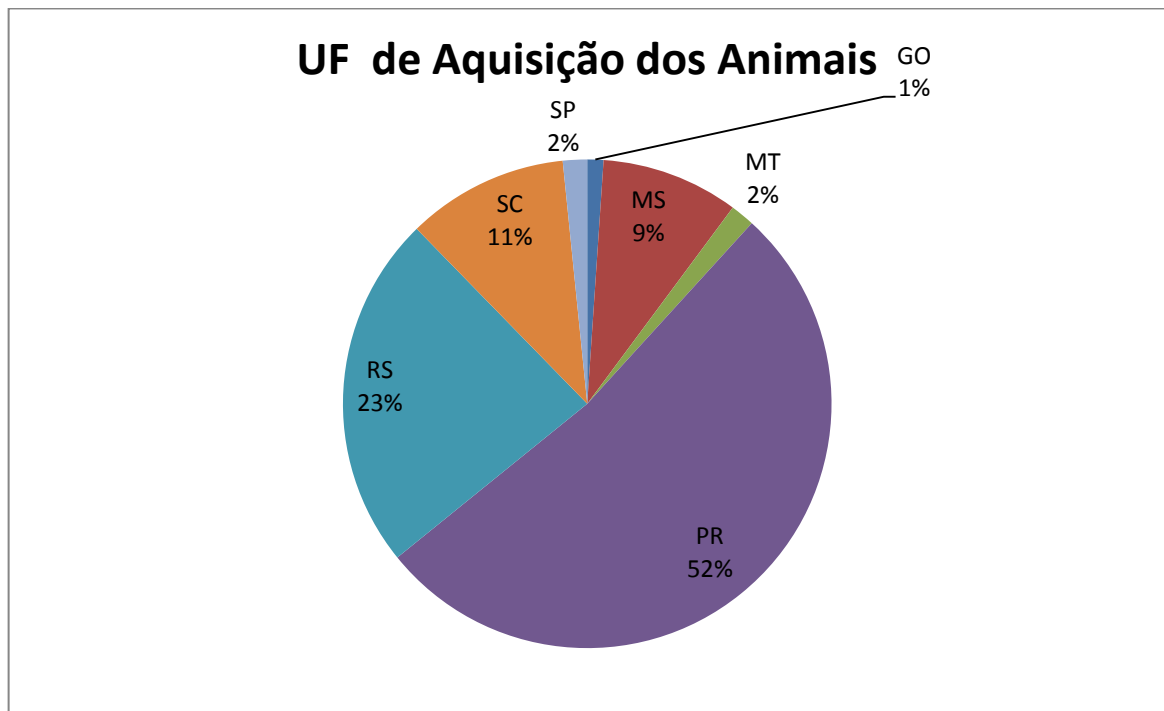


Figura 8: Unidade da Federação (UF) de aquisição dos animais utilizados em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

Tendo em vista que existem animais muito bons e que o preço não varia muito em todos os estados, é mais fácil adquirir um em sua própria região do que buscar animais de fora (Figura 9).

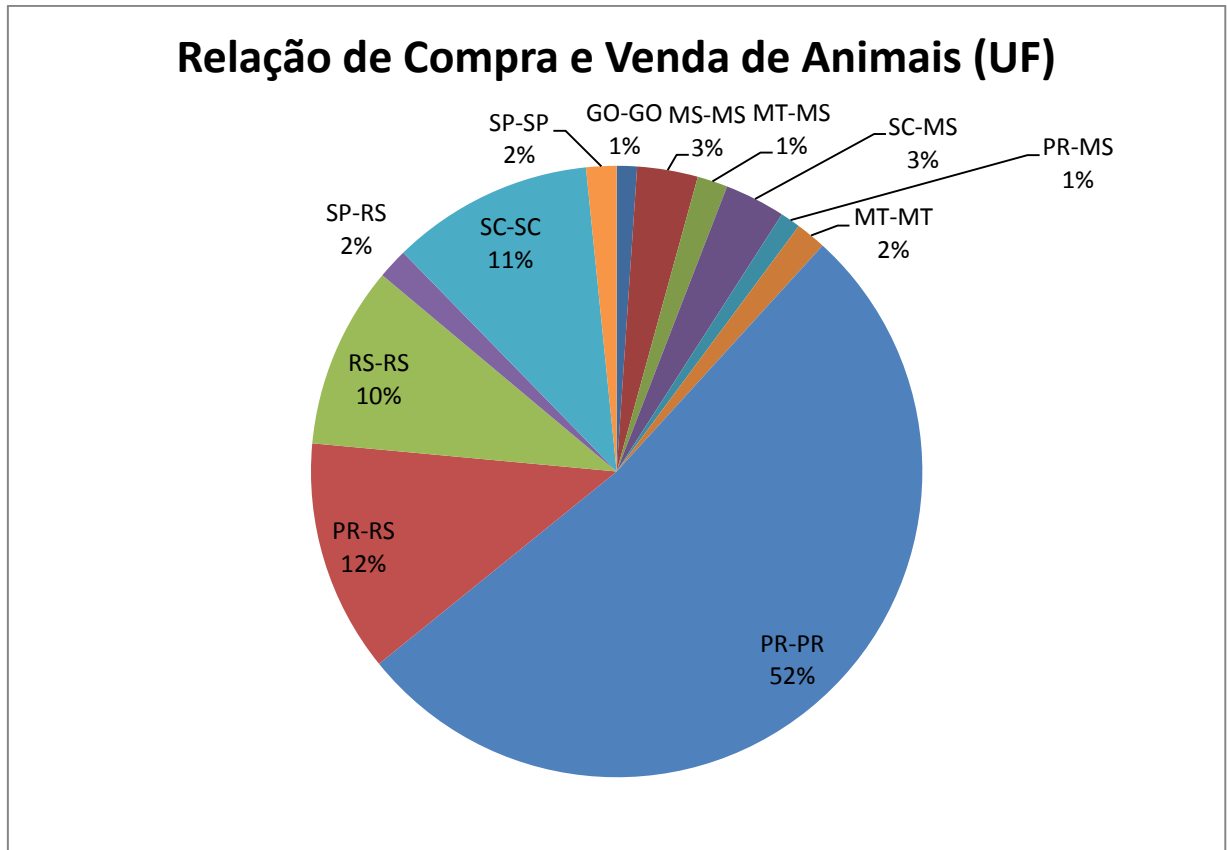


Figura 9: Relação de compra e venda no próprio estado e entre estados diferentes dos animais utilizados em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.4 Tipos de construção e horas de baia por animal

As baias podem ser feitas de diversas matérias como, por exemplo madeira ou material (Figura 10), desde que sejam secas limpas e bem cuidadas isso não importa muito e sim se o animal está se sentindo confortável ou não dentro dela, mas o maior número de baias encontradas foi de madeira, devido ao seu menor custo.

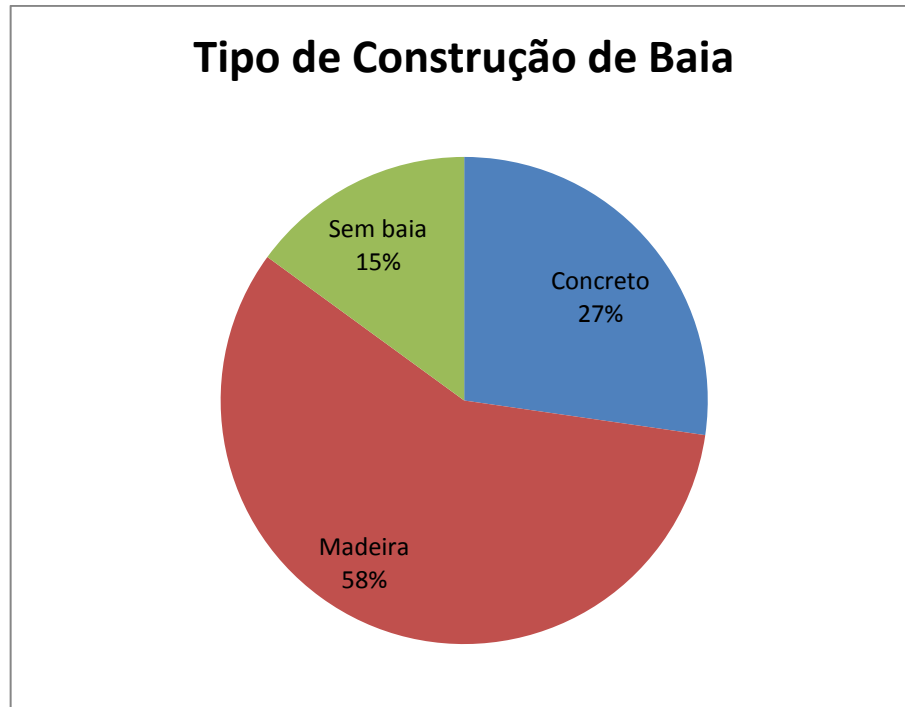


Figura 10: Tipos de baias encontradas na propriedade de cada entrevistado em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

Não existe um padrão de tempo em que o animal deve permanecer dentro ou fora da baia, isso depende do manejo e do planejamento de cada proprietário, então, foram encontrados diversos tipos de manejo e tratamento dos animais em relação ao tempo em que ficam em suas baias quando estão na propriedade.

Observou-se uma variação de 0h por dia até 24h por dia, porém o maior índice encontrado foi o de 8h por dia na cocheira, o que de acordo com os proprietários significa que o animal passa o período da tarde ou da manhã fechado, e o resto do tempo na pastagem, também foi comum encontrar bastante animais que ficam 12h fechados, passando a noite ou o dia na cocheira (Figura 11). O cavalo é um animal herbívoro com habito de pastejo contínuo, e o piquete para pastejo permite que o cavalo se movimente ao ar livre e tenha um convívio mais próximo com os outros animais, importante para seu equilíbrio físico e mental (GRANDIN, 2010).

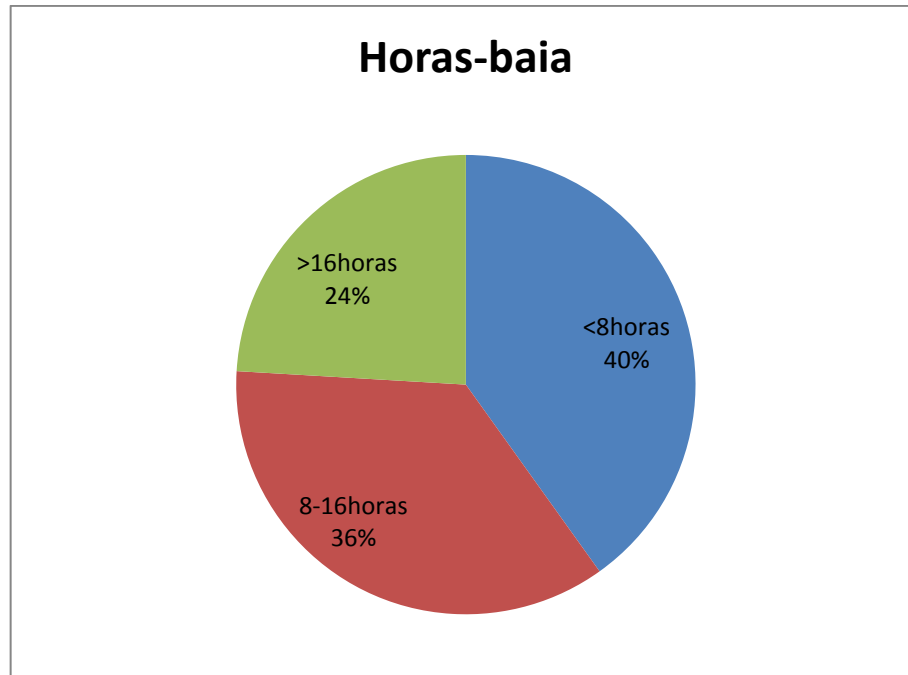


Figura 11: Horas que cada animal avaliado fica na baia na propriedade dos participantes de rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.5 Alimentação dos animais na propriedade

Essa talvez seja uma das partes mais importantes nesse esporte, é ela quem dita a situação em que o animal estará para a competição e se ele terá capacidade e preparo físico para exercer suas funções, além disso o desgaste muscular e energético nos eventos é grande, então a fase de descanso e recuperação ocorre na propriedade.

Todos os animais de alto desempenho avaliados recebem alimentação concentrada na propriedade a fim de compensar os gastos de energia do animal nos rodeios, apenas alguns animais que são utilizados para lazer ou sem fins lucrativos ficam somente na pastagem (Figura 12), onde geralmente o proprietário não se dedica muito ao esporte ou não tem tempo e lugar para o manejo necessário e acaba deixando o animal solto até o rodeio ou até mesmo utilizando-o em outras funções. É importante respeitar a rotina e o oferecimento constante dos alimentos aos cavalos, pois o estresse pode gerar até mesmo problemas no trato digestório dos animais, como úlceras gástricas e cólicas (BROOM et al. 2010). Também é importante respeitar a necessidade de locomoção dos animais, pois ele pode estar recebendo uma alimentação que atenda todas as suas exigências e mesmo assim se estiver ocorrendo a privação do seu espaço natural e de seus movimentos ele não terá um bom desempenho.

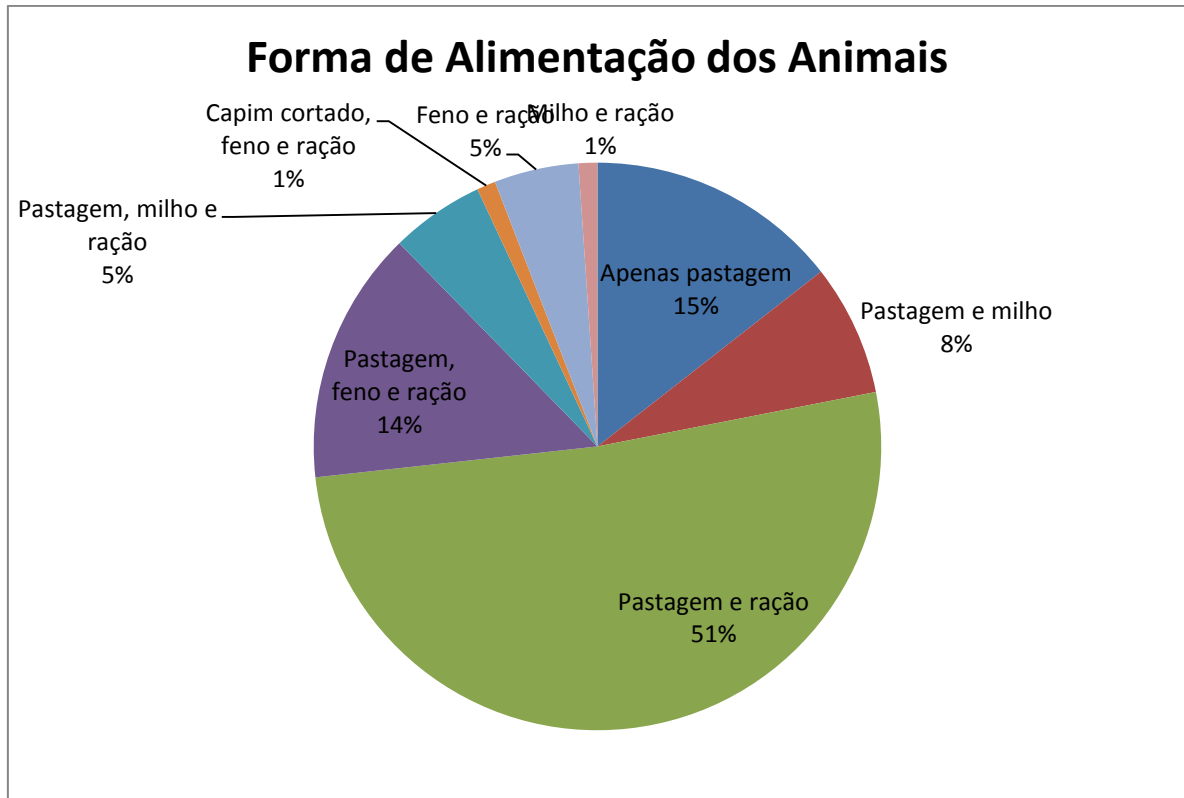


Figura 12: Diferentes formas de manejo na alimentação dos animais quando estão na propriedade dos participantes de rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.6 Manejo sanitário e dos cascos

A vermifugação, o casqueamento e o ferrageamento do animal são outras peças-chaves para a realização das atividades obterem o êxito, pois um animal com vermes ou com manqueiras e problemas de casco ficara abatido, mais fraco, com dificuldade para ganhar peso e se movimentar.

Devido ao solo da nossa região, as canchas são duras e pesadas para os animais e isso exige a utilização de ferraduras. Mas como o esporte vem se desenvolvendo cada dia mais, as canchas (local onde é realizada a atividade) atualmente são quase todas de areia ou pó de brita, o que minimiza o impacto e futuras lesões dos animais então praticamente a ferradura passou a ser opcional (Figura 13).

Problemas nos tendões, ligamentos, articulações e cascos podem levar de 6 a 12 meses para ficarem aptos para os movimentos, e os ossos levam até 3 anos. Esses valores variam em razão de diversos fatores como alimentação, interrupção no programa de treinamento, idade dos animais, entre outros (LAFETÁ, 2011).

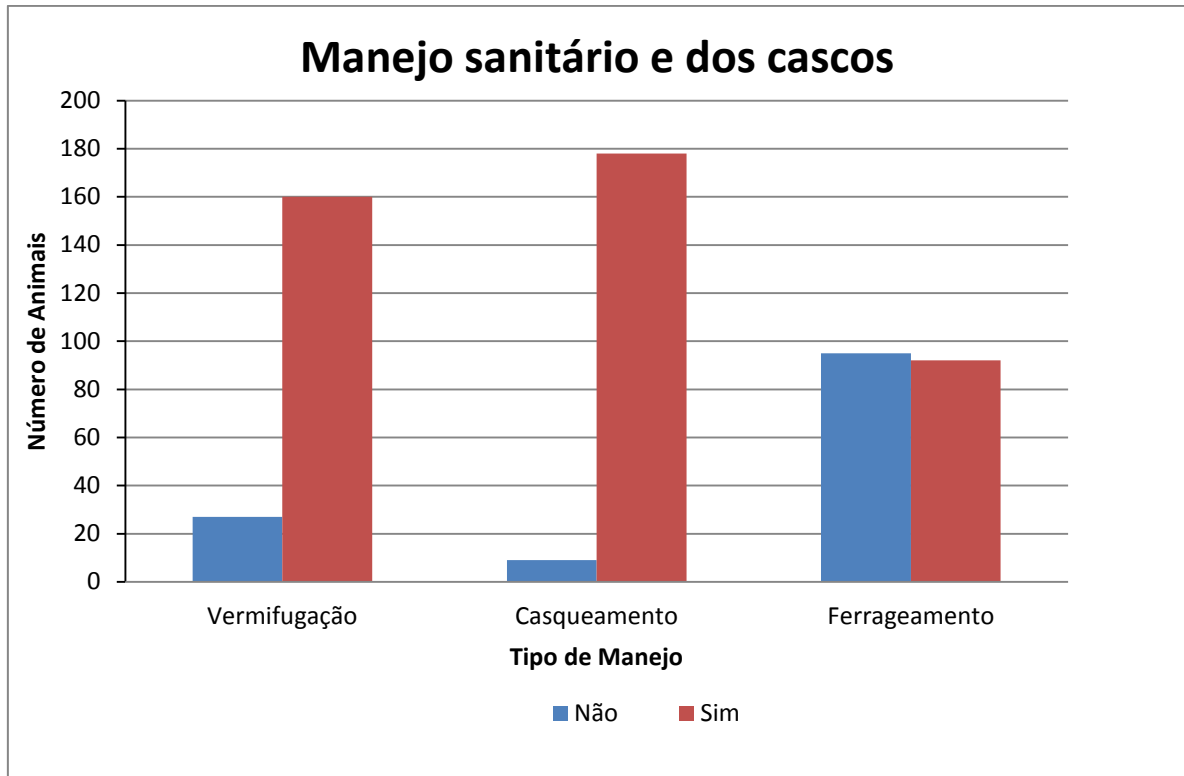


Figura 13: Quantidade de animais que recebiam vermifugação, casqueamento e ferrageamento participantes de rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.7 Acompanhamento veterinário e escore corporal

O acompanhamento veterinário (Figura 14) para cavalos deve ser rotineiro, pois ele é o profissional habilitado para avaliar a saúde do cavalo (ARANTES et al. 2006). Quem utiliza esse esporte como profissional, como uma forma de obtenção de renda, sabe o valor que um animal tem nesse meio e sabe de toda a atenção e cuidados que o seu animal merece, pois ele é o segredo do sucesso.

Então quem almeja títulos e reconhecimento terá um cavalo saudável, bonito e bem cuidado, livre de qualquer sintoma ou doença que o faça diminuir a sua produção, porém isso não ocorre com algumas pessoas que não utilizam os animais com fins lucrativos. Através desse trabalho foi possível levar mais informação e algumas ideias de melhorias para os proprietários que se encaixam nesse quadro, como a conscientização da importância da suplementação e do manejo sanitário, sempre visando o bem estar animal e buscando as alternativas para que pudessem melhorar a situação e atender as exigências que estavam faltando nos animais.

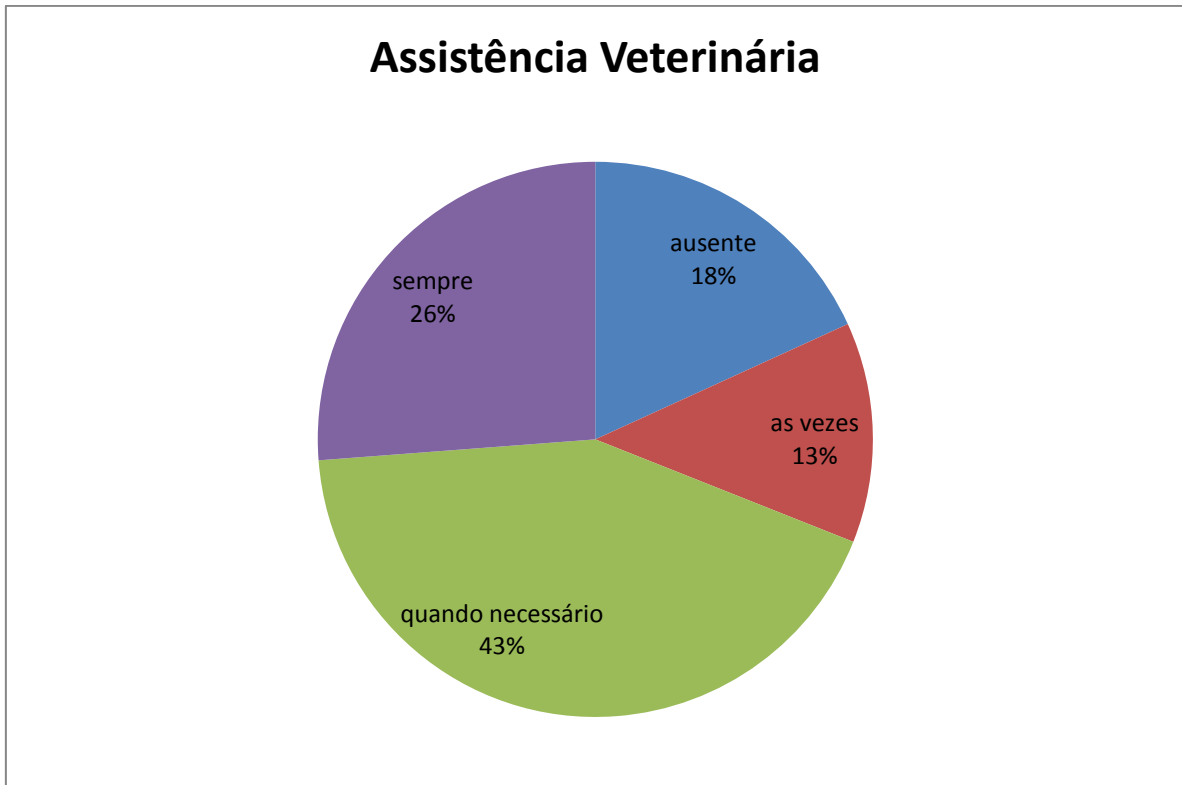


Figura 14: Frequência de acompanhamento veterinário dos animais utilizados em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

Como o diagnóstico dos itens que foram avaliados são fáceis de identificar, como a qualidade dos cascos, verminose, e o escore corporal, que foi avaliado de 0 a 5 (Figura 15), a presença de um veterinário pode ser menos frequente na propriedade, mas mesmo assim é indispensável, nesse trabalho foi constatado que os animais de alto desempenho que são muito exigidos fisicamente, tem em quase todos os casos a presença de um veterinário, seja ela frequente ou apenas as vezes e somente alguns daqueles proprietários que vão em poucos rodeios e utilizam pouco os seus animais dispensam o auxílio. A saúde do cavalo é um dos fatores muito importantes para seu bem estar e é citada quando se fala em cinco liberdades dos animais, como sendo livres de dor e doenças. Certamente um cavalo doente ou com dor não terá seu bem estar atendido (GRANDIN et al, 2010).

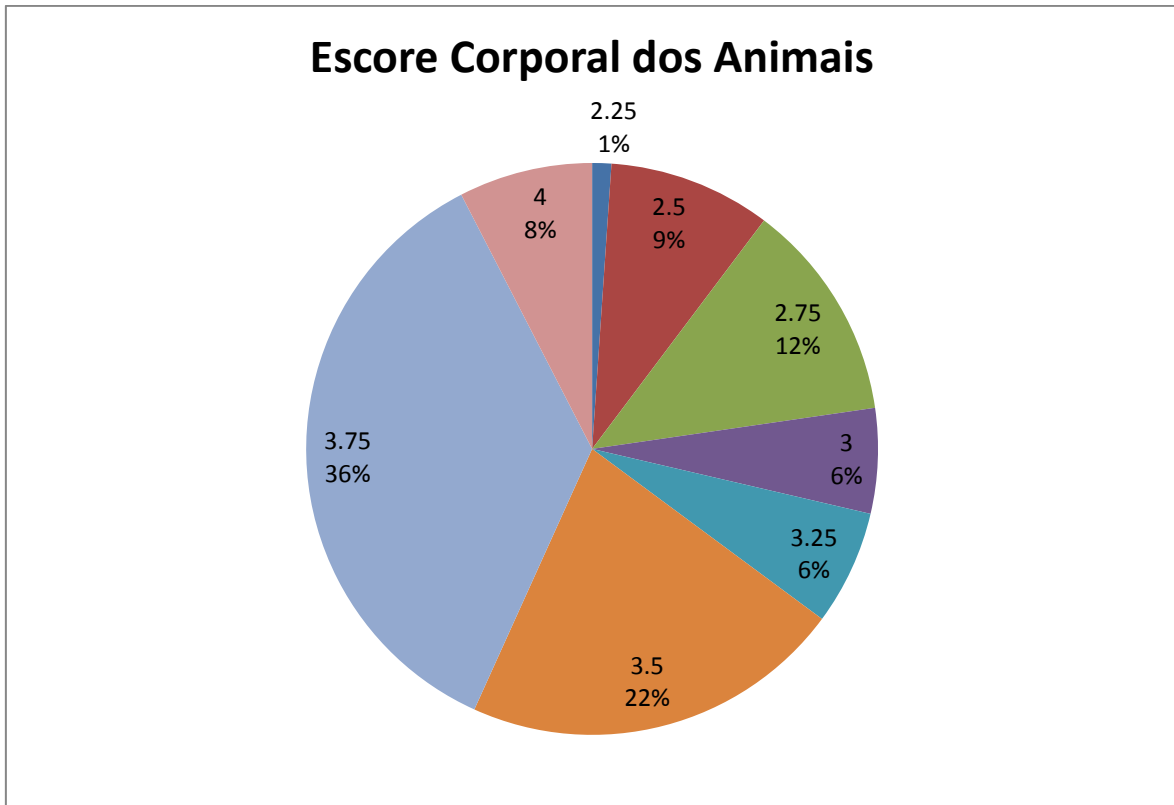


Figura 15: Escore corporal dos animais utilizados em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.8 Manejo durante os eventos

7.8.1 Formas de alimentação durante os eventos

A alimentação durante o evento (Figura 16) é de suma importância para a integridade física do animal, tendo em vista que animais de alta performance durante o rodeio gastam bastante suas reservas energéticas devido ao grande esforço físico, então quando estão descansando no local eles necessitam de uma boa dieta energética pois precisam repor suas energias em um curto período de tempo já que no outro dia são submetidos novamente ao exercício. Então é muito comum nos rodeios os proprietários oferecem a ração ou milho, juntamente com o feno, já que na maioria nos casos o local não tem piquete para pastejo e nem área de descanso, para tentar suprir as necessidades do animal.

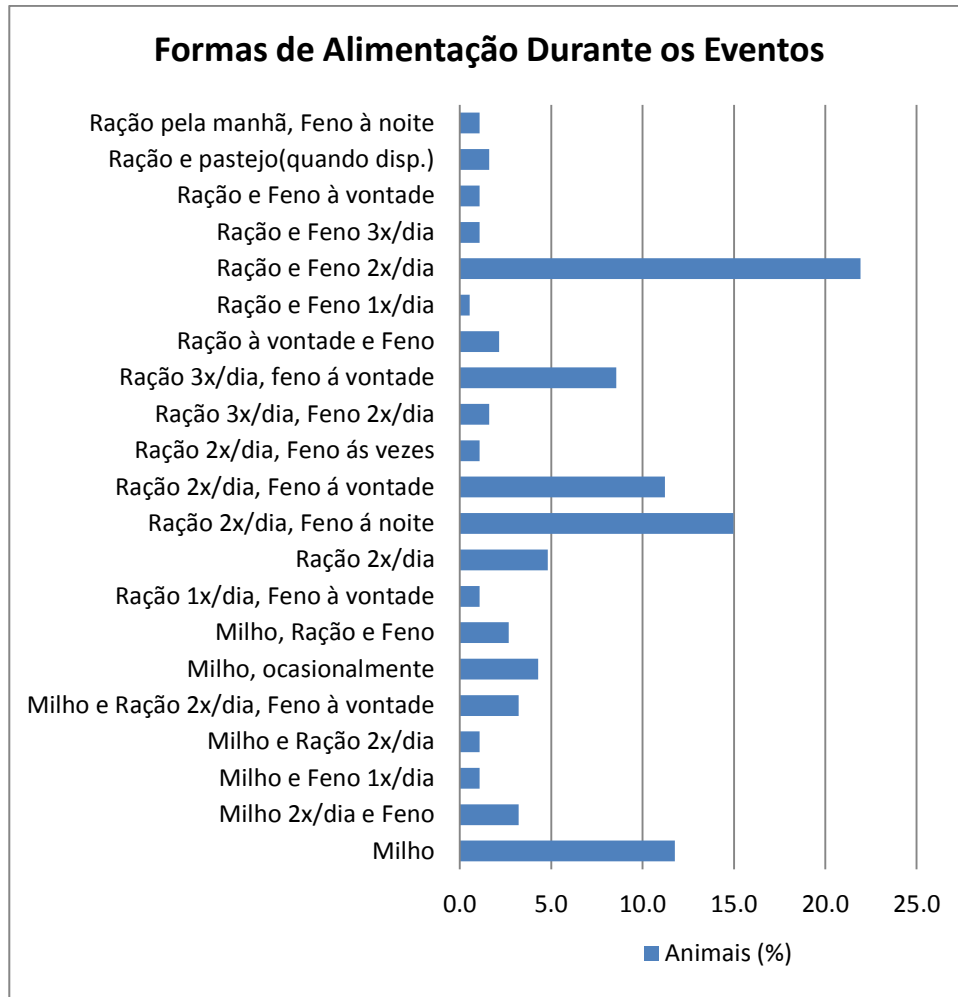


Figura 16: Diferentes formas de alimentação que os animais recebem em rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.8.2 Formas de transporte, e onde os animais são mantidos durante a noite

Os animais são transportados de varias formas, como caminhão, trailer, reboques ou até mesmo ônibus (Figura 17), hoje em dia não existe muita diferença entre as formas de transporte, a maioria garante segurança e comodidade ao animal, quase todos os caminhões são adaptados somente para o rodeio e no caso de trailer e reboque os animais viajam separadamente. Como foi dito anteriormente, o local do evento não oferece piquete para pastejo ou descanso aos animais então eles passam a noite presos em seus respectivos acampamentos, ou seja, o animal que é transportado no caminhão passa a noite atado na parte de trás do próprio caminhão (Figura 18). Antigamente muitas pessoas não estendiam lona ou qualquer proteção contra a chuva ou frio para os animais, mas hoje com a profissionalização dos competidores e a conscientização em relação ao bem estar, quase todos possam pelo menos embaixo de uma lona ou toldo, e em muitos casos com uma capa protetora do frio, vento e chuva.

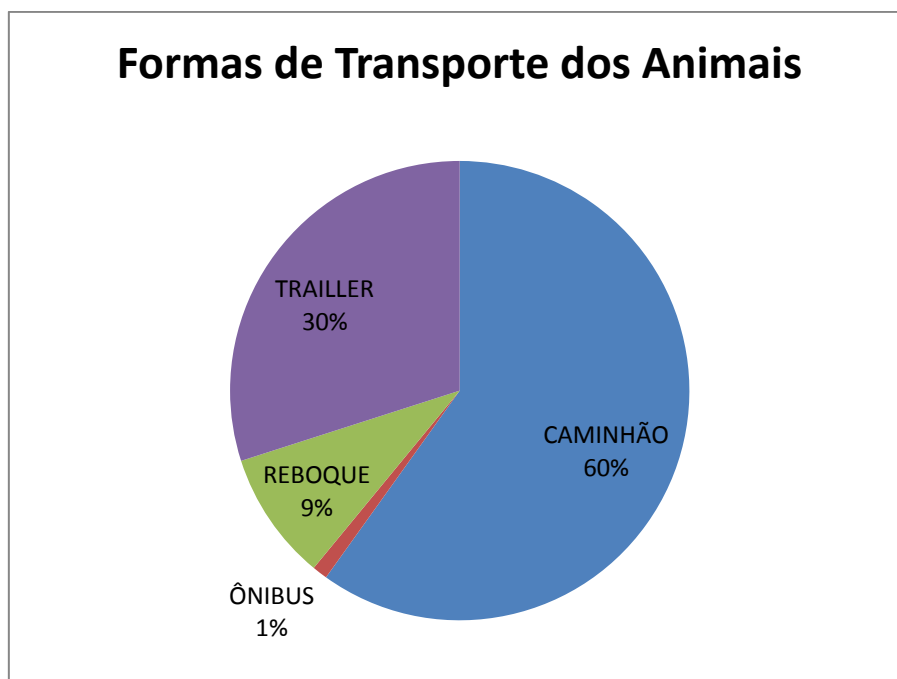


Figura 17: Meios de transporte utilizados para levar os animais até os rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

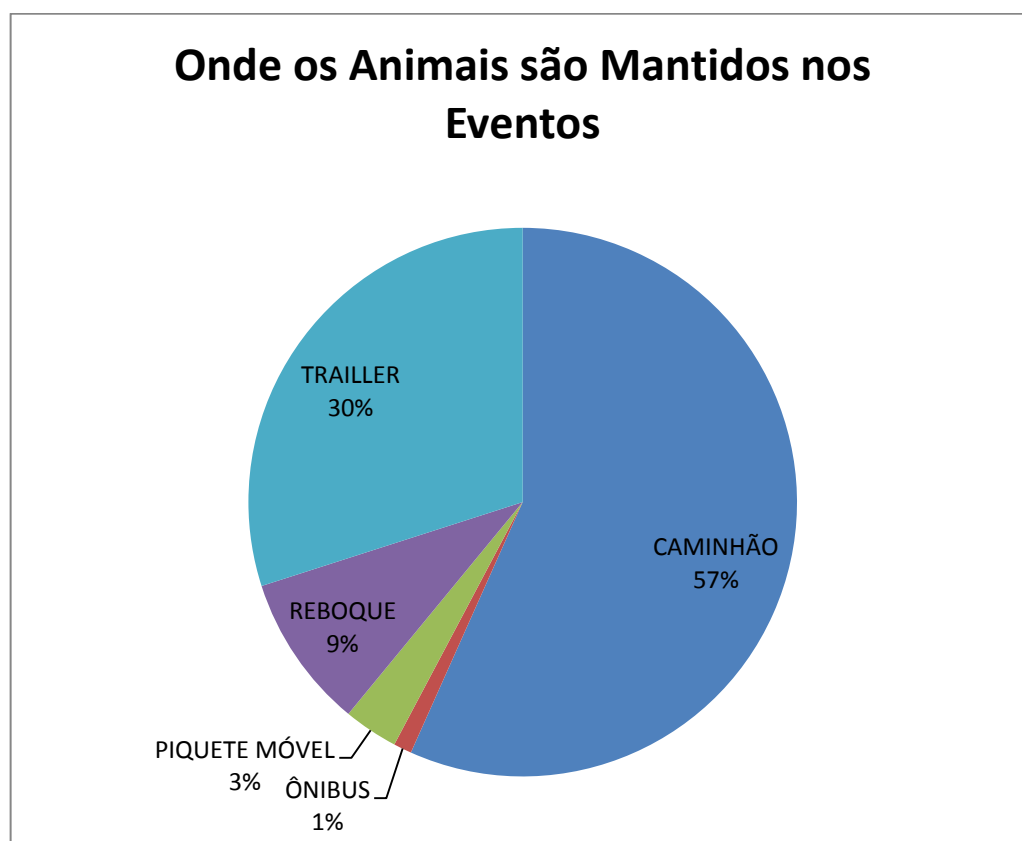


Figura 18: Local onde os animais passam a noite e o tempo de descanso quando estão nos rodeios gaúchos no sudoeste do Paraná.

7.8.3 Frequência de utilização, e tempo de participação em eventos

Foram avaliados quantos finais de semana por mês os animais são levados para o rodeio (Figura 19), e por quanto tempo o proprietário pratica o esporte (Figura 20), assim podemos ter uma visão ampla da adaptação e o preparo dos animais em relação á sua idade.

Foi possível constatar que os animais de alto desempenho, que são dos laçadores profissionais passam praticamente todos os fins de semana nos rodeios, parando para descanso apenas uma vez por mês, e o restante dos proprietários que praticam o laço sem fins lucrativos, apenas como uma diversão entre amigos nos finais de semana, levam seus animais uma ou duas vezes por mês.

E em relação ao tempo de participação, como os animais tem que estar bem adaptados para exercer muito bem as suas funções foi constatado que eles estão no esporte na maioria dos casos há mais ou menos 4 anos ou seja, os animais de alta performance já estão há mais tempo expostos aos desgastes dos rodeios e já sofreram uma boa adaptação em relação a isso, além de tudo já são animais experientes no que estão fazendo.

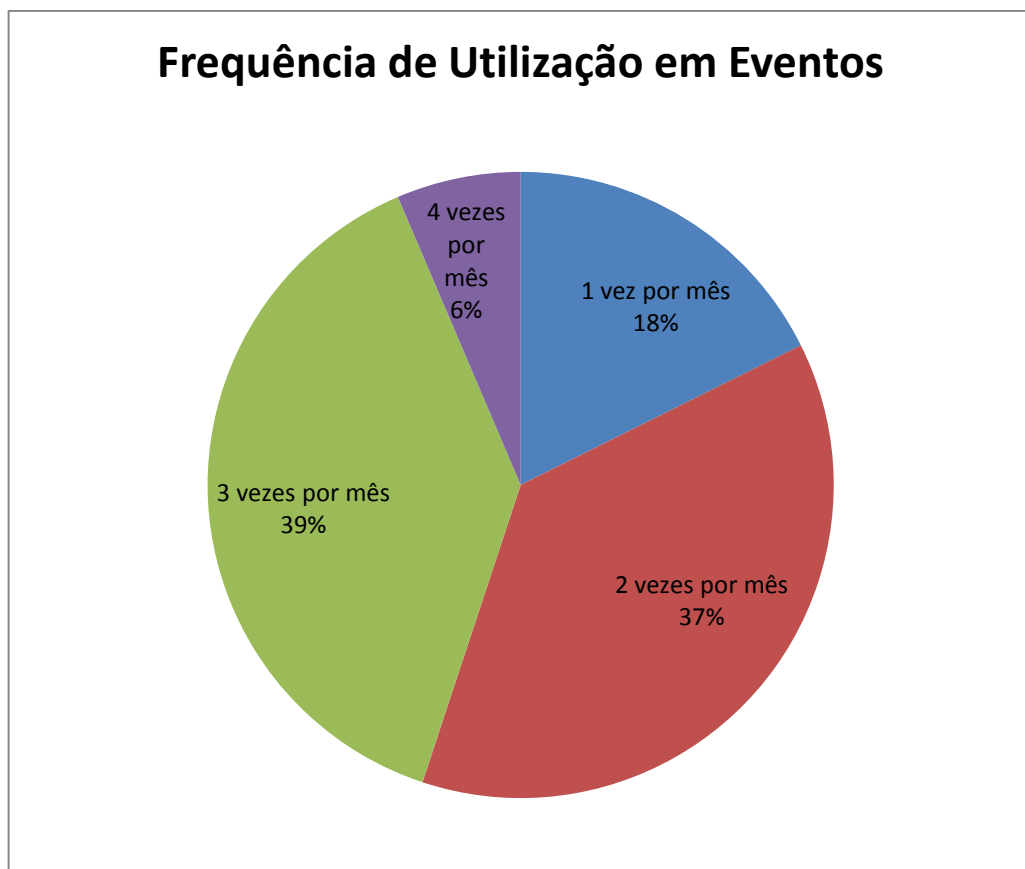


Figura 19: Frequência de quantas vezes por mês os animais avaliados vão para o rodeio gaúcho.

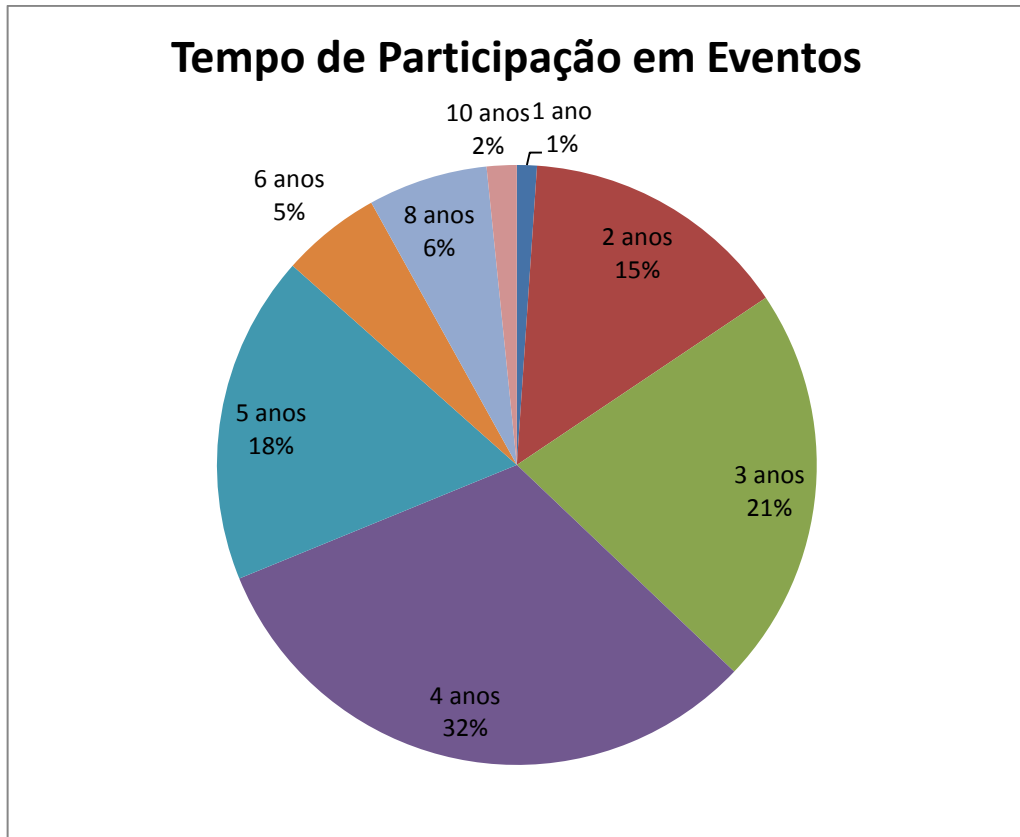


Figura 20: Há quanto tempo que o proprietário leva o animal para os eventos.

7.8.4 Número de armadas por dia, e condicionamento físico dos animais

Para um bom desempenho e um bom rendimento, o condicionamento físico de qualquer atleta é indispensável, o mesmo ocorre com os animais, porém é trabalhoso encontrar um equilíbrio entre esse condicionamento e o grande desgaste ou cansaço em que os “animais atletas” são submetidos.

As disputas estão ficando cada vez mais difíceis pois a profissionalização devido as grandes premiações está aumentando gradativamente, muitas pessoas estão se dedicando somente ao laço comprido, vivendo de rodeio em rodeio e tirando dos eventos a sua renda, o que exige cada dia mais do preparo físico dos animais pois o cansaço das disputas é inevitável e o número de armadas de cada disputa já é grande (Figura 21) e também esta aumentando.

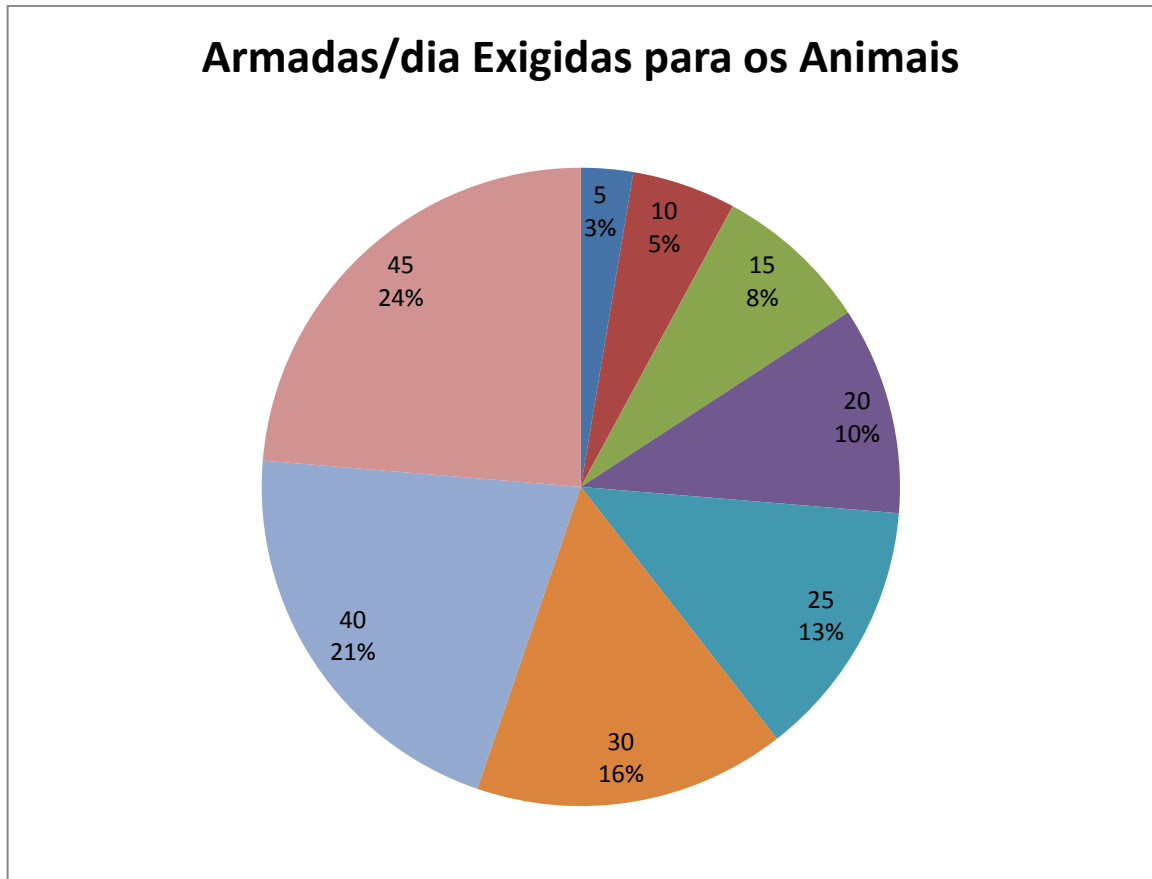


Figura 21: Quantidade de armadas que cada proprietário entrevistado pratica por dia no evento

Então deve haver um equilíbrio entre o cansaço e a recuperação do animal para que ele esteja preparado e com um bom condicionamento físico (Figura 23) para as próximas disputas, o que felizmente ocorre com a maioria dos animais avaliados (Figura 22), graças as boas praticas de manejo e bem estar animal dos seus proprietários.

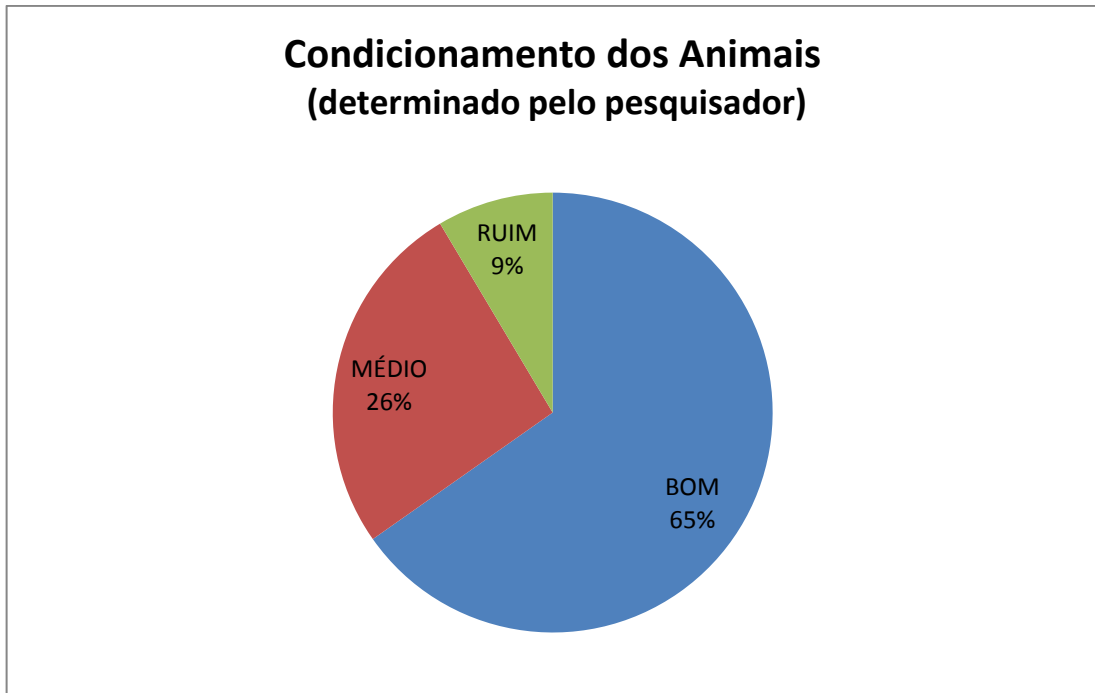


Figura 22: Porcentagem do condicionamento físico dos animais avaliados nos eventos

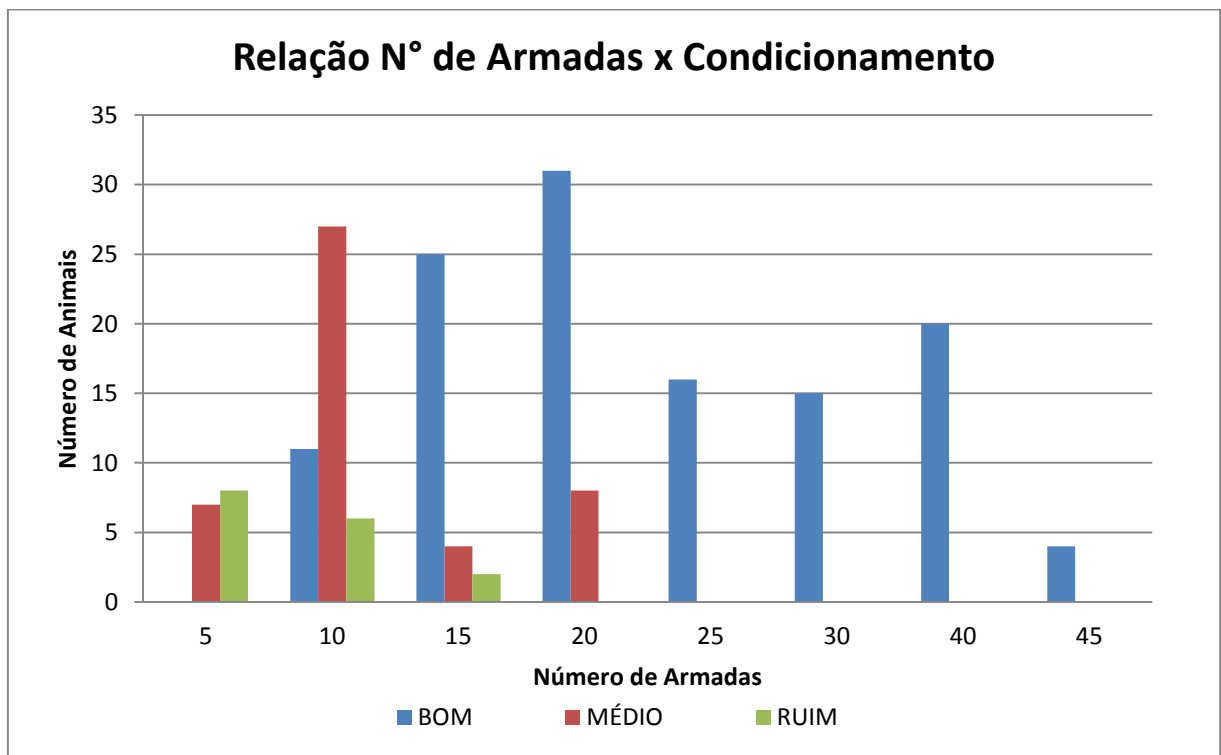


Figura 23: Relação entre o número de armadas por dia que cada proprietário pratica e o condicionamento físico de seu animal

7.8.5 Relação entre número de armadas X score corporal

O mesmo raciocínio da relação entre o número de armadas por dia e o condicionamento físico do animal se aplica com o score corporal, então foi possível concretizar que os animais de grande desempenho ou dos grandes profissionais do esporte, tem que atender todos os pré requisitos nutricionais e sanitários do bem estar animal para que possam exercer suas funções e trazer bons resultados, então, apenas os proprietários que ainda não tem essa ideia de bons cuidados e bem estar estabelecida, é que ainda mantém os costumes antigos como a não vermifugação ou suplementação e não dão ao animal o tratamento necessário (Figura 24).

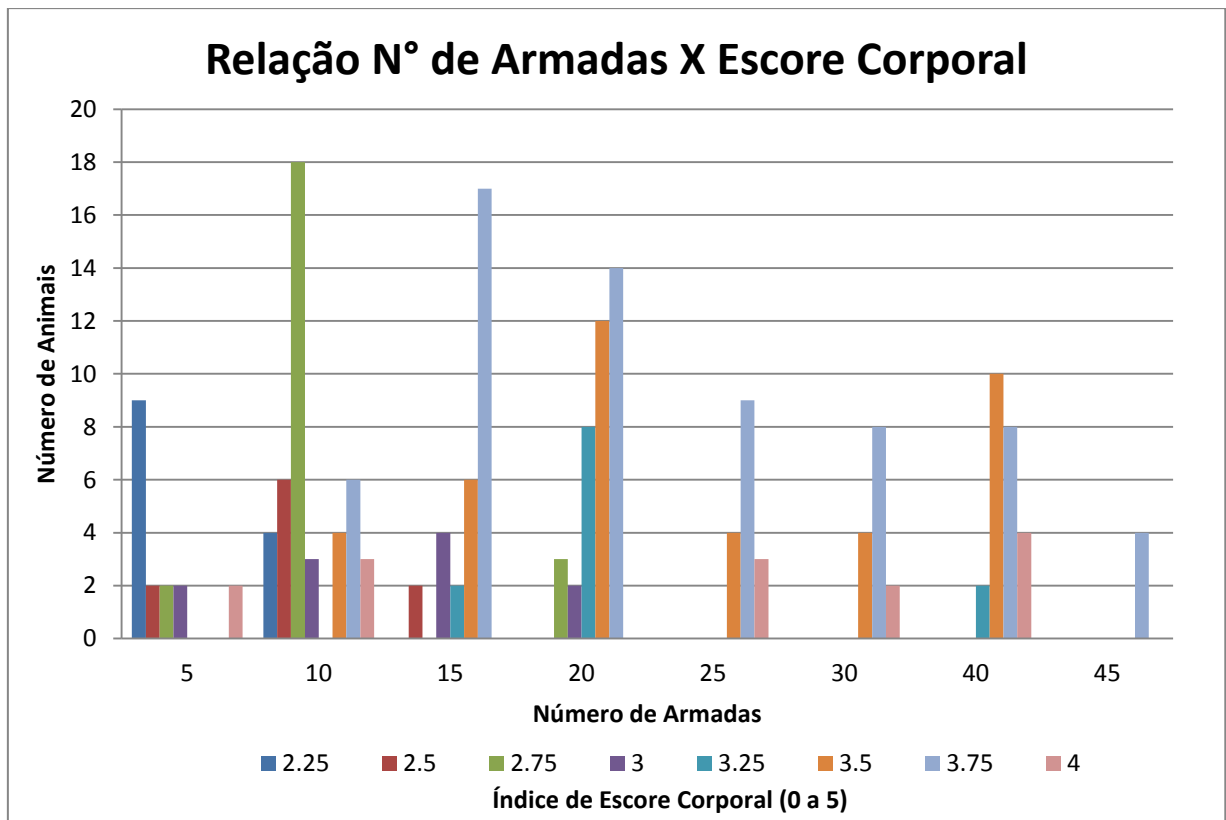


Figura 24: Relação entre o número de armadas que o proprietário entrevistado submete seu animal e o score corporal do animal avaliado de acordo com o entrevistador.

7.9 Disponibilidade da água nos eventos

A disponibilidade de água nos rodeios deve ser abundante, devido a necessidade dos animais de repor suas energias e ingerir líquido, expressando uma de suas 5 liberdades: estar livre de fome e sede.

Nos eventos de grande porte existe uma grande preocupação quanto a esse fator para que não ocorra nenhum problema com qualquer animal, tendo em vista que nesses rodeios esses animais tem um alto valor comercial então a contaminação de algum deles poderia trazer grandes perdas econômicas.

Porém nos eventos de pequeno porte isso ainda passa despercebido pelos organizadores, muitas vezes colocando os bebedouros em lugares que pegam sol ou até mesmo disponibilizando a água que fica parada por meses nos reservatórios, já que os eventos ocorrem apenas uma ou duas vezes por ano em cada cidade. Mas na maioria dos casos a água dos eventos é abundante, então os animais não são muito prejudicados em relação a isso.

8 CONCLUSÕES

O rodeio gaúcho vem se expandindo cada vez mais como uma modalidade esportiva muito rentável, e o cavalo é essencial para o sucesso da atividade. No presente trabalho conclui-se que todos os fatores avaliados são de extrema importância para esse sucesso e estão diretamente relacionados ao bem estar animal.

A maioria dos animais avaliados estava oferecendo condições adequadas para a atividade, porém isso infelizmente não foi unanimidade, então cabe ao proprietário decidir sobre os cuidados dos seus animais e nesses casos resta o aprimoramento do manejo com técnicas inovadoras e racionais, o reconhecimento do cavalo, para melhorar a qualidade de vida dos mesmos e proporcionar o bem estar aos animais.

Os competidores profissionais que utilizam seus animais em alto desempenho como uma forma de ganhar dinheiro já tem essa ideia formada, de que o animal é o carro-chefe para o seu sucesso e dedicam a eles todos os seus cuidados necessários para que possam atingir sua integridade física e mental, e gerar bons resultados em seu desempenho.

REFERÊNCIAS

ABCCC, Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos. **Regulamento do Registro Genealógico da Raça Crioula**, 24 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.racacrioula.com.br/uploads/arquivos/2213_e105c2fdffe360376685f7e1e9592c8b.pdf> Acesso em 28 de outubro de 2017.

ABQM. Associação Brasileira dos Criadores de Quarto de Milha, [online]. 2014. Disponível em: <portalabqm.com.br/> Acesso em 28 de outubro de 2017.

ARANTES, L.G; et al. A Participação do Médico Veterinário na Escolha e Treinamento de Cavalos para a Prática de Equoterapia. **Veterinária Notícias**, Uberlândia, v.12, n.2, p.18, set. 2006.

ARBOITTE, Miguelangelo Ziegler; MENEZES, Luís Fernando Glasenapp. **Equinocultura**. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria –RS, 2006. Disponível em <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2730955/poligrafo-equideo/17>> Acesso em 03 de março de 2017.

ALMEIDA, F. Q.; SILVA, V. P. Progresso Científico em Equideocultura na 1ª Década do Século XXI. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 39, p. 119-129, 2010.

BRASIL. Tribunal de Justiça de São Paulo. Lei nº 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 Fev. Seção 1, pág. 1.: 1998.

BRASIL. Lei n. 10519, de 17 de julho de 2002. Brasília. Dispõe sobre a promoção e a fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de rodeio e dá outras providências. . **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 Jul. Seção 1, pág. 1.: 2002.

BROOM, M. D.; KENNEDY, J.M. Stereotypies in Horses: their relevance to welfare and causation. **Esquine veterinary Education**, v. 5, n. 3, p. 151–154, 1993.

BROOM, Donald Maurice; FRANSER Andrew Ferguson. **Comportamento e Bem Estar de Animais Domésticos**, 4º edição, editora Manole, São Paulo, 2010.

CARTILHA PARA A REALIZAÇÃO DE RODEIOS CRIoulos. Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. 1º ed., 23p., 2012.

CARVALHO, João Paulo Gomes de. Multifuncionalidade da equinocultura em ambientes urbanos: avaliação técnica e percepção do bem-estar animal e da paisagem. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias – UFPR, 84p., 2014.

CALHAU L. B. Meio Ambiente e Tutela Penal nos Maus Tratos contra Animais. **Fórum de Direito Urbano e Ambiental**, Belo Horizonte, Edição 4, mar./abr. 2005.

CINTRA, André Galvão de Campos. O Cavalo. **Características, Manejo e Alimentação**. Editora Roca, São Paulo, SP, 2010.

DELABARY, Barési Freitas. Aspectos que influenciam os maus tratos contra animais no meio urbano. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v(5), nº5, p. 835 - 840, 2012.

DITTRICH, *et al.* Comportamento ingestivo de equinos e a relação com o aproveitamento das forragens e bem-estar dos animais. **Revista Brasileira de Zootecnia.**, v.39, p.130-137, (supl. especial), 2010.

EDENBURG, N. Perceptions and attitudes towards horses in European societies. **Equine Veterinary Journal**. (Suppl.) v. 28, p. 38–41, 1999.

FAWC. Report on the welfare of dairy cattle. Disponível em:

<<http://www.fawc.org.uk/reports/dairycow/dcowrtoc.htm>>. Acesso em: 25 março 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). **Situação Mundial dos Recursos Genéticos Animais para Agricultura e Alimentação**. Versão Resumida. Brasília: FAO (Embrapa), 2010.

GRANDIN, Temple; JOHNSON Catherine. **O bem estar dos animais: propostas para uma vida melhor para todos os bichos**. Rio de Janeiro, editora Rocco, 2010.

HOUPT, A. K.; McDONNELL, M. S. Equine Sterotypies. **The Compendium**, v. 15, n.9, p.1265–1271, sep. 1993.

IGBE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Produção da pecuária municipal. **Prod. Pec. munic.**, Rio de Janeiro, v. 40, p.1-71, 2012.

LAFETÁ, Rodrigo. Treinamento: Métodos de avaliação dos exercícios e problemas decorrentes. ABCCMM, Belo Horizonte, Minas Gerais, 21 de novembro de 2011. Disponível em <http://esportes.abccmm.org.br/?router=artigos/ler/index/37/> Acesso em: 02 de novembro de 2017.

LIMA, R.A.S.; SHIROTA, R.; BARROS, G.S.C. **Estudo do complexo do agronegócio cavalo**. Piracicaba: ESALQ/USP, 2006. 250p.

MATTOS, P. de; et al. **O Perfil Empreendedor do Criador de Cavalo Crioulo no Estado do Rio Grande do Sul**. Campo Grande: SOBER, 2009.

McCALL, C. Solving behavior problems in horses. **Equine Practice**, v. 15, n. 8, p. 30-31, 1993.

McGREEVY, P.D.; CRIPPS, P.J.; FRENCH, N.P.; GREEN, L.E.; NICOL, C. J. Management factors associated with stereotypic and redirected behavior in Thoroughbred horse. **Equine Veterinary Journal**, v. 27, n. 2, p. 86-91, 1995.

MEYER, H. **Alimentação de Cavalos**. São Paulo: Livraria Varela, 1995.ed.2 p.41-57

NINOMIYA, S.; S. SATO; K. SUGAWARA. Weaving in stabled horses and its relationship to other behavioural traits. **Appl Anim Behav Sci** 106, 134-143, 2007.

RIBEIRO, Laila Arruda; SILVEIRA, Isabelle Dias Barbosa; ZANUSSO, Jerri Teixeira; et al. Comportamento estereotipados em equinos estabulados. III Simpósio de Sustentabilidade e ciência animal. **Anais... SISCA**, Pirassununga - São Paulo, 2013.

SOUZA, Gabriel Campos. **Os rodeios e a Lei 10.519/02: Retrocesso social e desconformidade com a Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <www.abolicionismoanimal.org.br> Acessado em: 03 Jan. 2017.

SOUZA, M.F.A. Implicações para o bem-estar de equinos usados para tração de veículos. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, n.1, p. 1-6, Janeiro/Dezembro, 2006.

TORRES, Alcides di Paravicini; Jardim, Walter Ramos. **Criação de cavalo e de outros equinos**. 3º ed. Editora Nobel, São Paulo, 1992.

VÍCIOS DE ESTÁBULO: confinamento falta de exercício e má alimentação. 24 set. 2007. Disponível em <<http://arcadenoe.sapo.pt/article.php?id=316>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

WARING, G.H. **Horse Behavior**. 2ed. 2003 p.58-72 .

ANEXO

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA O LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS DE MANEJO DE EQUINOS UTILIZADOS EM RODEIOS GAÚCHOS NA REGIÃO SUDOESTE DO PARANÁ.

DADOS GERAIS				
Data e hora:		Local do evento:		
Cidade de origem:				
ANAMNESE				
Numero de animais:		Sexo:		
Raça:		Idade:		
Aquisição:		Doma:		
MANEJO				
Nutricional e instalações				
Responsável pela alimentação:		tipo da baia:		
Dieta na propriedade (explique):				
Quantas horas/dia ficam:		Na baia:	No piquete:	
Sanitário				
Acompanhamento veterinário:	() Sempre/ Frequente.	() Às vezes.	() Quando necessário.	() Ausente.
Vermifugação:	()SIM ()NÃO	Quando:		
Casqueamento:	()SIM ()NÃO	Quando:		
Ferrageamento:	()SIM ()NÃO			

Observações:

Durante os eventos

Quantas armadas em média por dia:

Qual o condicionamento do animal: () bom () regular () ruim

Como é a alimentação:

Como é realizado o transporte até o rodeio:

Quantos finais de semana por mês os animais são levados e desde quando:

Local em que o animal fica durante o evento (à noite):

Avalie a disponibilidade e a qualidade da água no evento:

OBSERVAÇÕES: